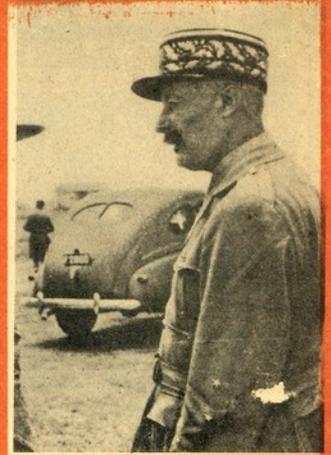




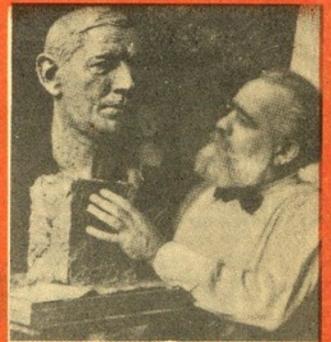
Aquilino Ribeiro, na sua casa de Soutosa, estuda e põe em ordem os livros para o regresso a Lisboa

(Ver reportagem na pág. 4.)



Giraud vai comandar as forças de ataque à Alsácia?

(Ver páginas centrais)



Quando Jo Davidson esteve em Portugal e andou incógnito por Lisboa...

(Ver página 11)



Quere saber o que Igrejas Casire pensa da Rádio, do Cinema e do teatro?

(Leia entrevista na pág. 5)

VIDA MUNDIAL

ANO IV—N.º 180

26 DE OUTUBRO DE 1944

PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

Viajar na cidade

SEI, por experiência própria, quanto custa andar em apertos. Eu tenho horror à multidão, ao acotovelamento nervoso, ao amachucar compacto que enerva e sufoca. Por mais duma vez, apertado no horário burocrático de assinar o ponto, tenho ido pendurado, de esquelha, com um cotovelo ossudo no peito oprimido, uma viagem inteirinha na plataforma do eléctrico, à espera de arranjar lugar. Mas, debalde. O carro traborda. Sai um — entram dois — e, por mais que a lei da física da impenetrabilidade da matéria queira explicar a sua lógica, a verdade, verdadeinha, é que, bem apertado, aquilo cabe sudo. Ninguém calcula o sofrimento moral que um passageiro da Carris é capaz de suportar. Vem o condutor, geralmente cheio de pressa, talvez com medo da falência dos magnates de Santo Amaro, e quer, exige, com autoridade, o dinheiro. Nós, num suplicio, os pés quasi no ar, nem podemos respirar sobre a nuca do parceiro da frente — mas o empregado intima: «Para onde?»

E o dinheiro lá se rebusa nos bolsos num esforço sobrehumano, para satisfazer o bilhete — e acudir, também, àquela afliçãozinha da Companhia que, coitada, está com os credores a bater à porta... O eléctrico, nos nossos dias, é a prova única da grande resistência individual. A vida das plataformas tem, por outro lado, um pitoresco encantador. Há ali as canastras de peixe, úmidas das sálmouras, com escamas, que vagamente nos entontecem como um perfume oriental; há cabazes, sacos, senhoras anafadas, gente que sofre da asma, nervosos, desequilibrados, maníacos e, sobretudo, passageiros que detejam ler o jornal. Eu não sei se o leitor, por qualquer coincidência, já viajou numa plataforma assim. Eu já o fiz — e garanto que resisti.

Também, ainda há dois dias, num carro, ia à minha frente um respeitável cavalheiro com umas costas de carregador. Só ele, bem à vontadeinha, ocupava dois lugares. Pois, senhores, prantou-se na plataforma, ficou bem os pés que não havia solavancos que o estremecessem e vai de se pôr a ler o periódico. Nas paragens rápidas, nas curvas, na gente que saía, ele era sempre o mesmo, nem se mexia nem dava acôrdo de si. Refilavam os desgraçados que, pendurados, se encolhiam das colunas, não fôsem levar a tinta de alguma pintada de fresco — mas ele, só ele, a nada atendia. Estendeu uma manábula gorda e cabeluda e, como uma faveira, prendeu-a a uma porta do carro. Eu fiquei ali algemado — entre a faveira e um cabaz — creio que com um gato — que uma criada de cabelo na venta, levava à Protectora. Sofri pisadelas. Por duas vezes um rapazito todo penteado e encolhido me pediu desculpa das botas caírem em cima dos calos. Eu, porém, ia por tudo. No Cais do Sodré, o tal cavalheiro apeou-se — depois de ter relido a página dos anúncios — e notei, então, que a plataforma ficara quasi vazia. Era eu, o rapazito, a criada — que nessa altura dava trôco a um policia alegre — três canastras e o cabaz, o célebre cabaz com o gato assanhado. Respirei. O fato lá amachucado, o sobretudo cheio de vincos; os sapatos, que com tanto trabalho e paciência engraxara desesperadamente em casa, tinham nódoas brancas das pisadelas das botas cardadas de qualquer maltez; a gravata, ao lado, estava uma polegada abaixo do colarinho; este, coitado, saíra fora do botão; reparei, depois, que o chapéu estava amolgado e que tinha, lamentavelmente, uma algibeira descolada. No Rossio, ao descer do carro, notei que a bainha das calças faltava um bocadinho, e que — oh! infelicidade — a sopa e o arroz de bacalhau que trazia na lancheira para o almoço, vinha tudo chegar cedo ao emprego, não fui trabalhar.

E, diante duma coisa destas, eu que tinha apanhado o «eléctrico» para chegar cedo ao emprego, não fui trabalhar.

MANUEL MARTINHO



DIZIA um grande crítico, ao referir-se à estatuária, que ela era a parte mais bela da escultura, mas também a mais difícil. Nos tempos esplendrosos da Grécia os artistas atingiram os cumes da perfeição.

O artista via-se ali rodeado de todo o género de estímulos que podem elevar o espirito, exaltar a imaginação, dar pasto à vaidade e satisfazer a ambição. Elevava-lhe o espirito o amor da religião, enquanto esculpia no mármore as magníficas figuras dos deuses do Olimpo, com que se povoavam centenas de templos maravilhosos. Exaltava-lhe a imaginação o amor da pátria, enquanto tirava da pedra as nobres feições do herói que dera o sangue e a vida em defesa da terra que lhe servira de berço, ou que vencera em combate os inimigos da Grécia, ou que triunfara do seu competidor nos jogos olímpicos. E depois vinha o prémio moral e físico compensar as suas fadigas e galardoar os seus esforços. Vinham as riquezas compensar o trabalho; vinham os aplausos coroar o mérito.

Os reis, os imperadores protegiam a arte. Davam grandes recompensas. Médicos, em Florença, Júlio II e Leão X, em Roma, e Francisco I em França, desveladamente, deixaram que as artes atingissem um esplendor genial que, em nada, se envergonhavam dos grandes artistas gregos. Miguel Angelo erguia, com a generalidade do seu cinzel, a estátua de Moisés — e o mundo pasmava. Canova e Thorwaldsen, na Itália e na Dinamarca chamavam a atenção sobre os seus trabalhos. Em Portugal, Joaquim Machado de Castro é o único nome que ainda ressoa. Veja-se a estátua de el-rei D. José. Se não tem o calor quente dum cinzel de génio não se pode dizer que ela não tenha correcção no desenho e na arte que a anima. O mesmo acontece na estátua da rainha D. Maria I, que

Conhecem esta estátua?

a foto mostra. Nesta obra há três nomes que se não devem esquecer: Joaquim Machado de Castro, que a desenhou e fez o modelo; Faustino José Rodrigues e Feliciano José Lopes, que a esculpiram, ambos discípulos daquele grande professor. Esta estátua fôra encomendada, em 1783, por D. Tomás Teixeira de Lima, visconde de Vila Nova da Cerqueira, então ministro e secretário de Estado dos Negócios do Reino, e sete anos depois feito Marquês de Ponte de Lima por merecê da rainha D. Maria I. Era tenção d'este fidalgo erigir a estátua na sua quinta de Mafra em sinal de gratidão por tantos favores recebidos da soberana. Nessa altura, porém, era criada a Biblioteca Pública de Lisboa, e o marquês, governando o reino como seu ministro, achou que ela ficaria melhor numa daquelas salas. A estátua é toda feita em mármore de Carrara e um pouco maior do que o tamanho natural. Representa a soberana quando tinha 49 anos. «Tem no rosto a expressão de gravidade e benevolência que tanto condiz com os atributos da realeza, e que na rainha D. Maria I eram duas qualidades preeminentes do seu carácter».

Na mão esquerda empunha o emblema do poder, estende a direita em sinal de protecção desvelada sobre os seus Estados representados

(Continua na pág. 16)

FALA-SE ESTA SEMANA

RICARDO COVÕES



«Os 50 anos do Coliseu» — assim se intitula o grosso volume de memórias que Ricardo Covões, tão experimentado em coisas de teatro, soube,

como ninguém o poderia fazer, reunir numa vasta documentação sobre a mais querida e popular das nossas casas de espectáculo, o caminho do centenário. Mas, neste livro de memórias, escrito num estilo desprezencioso e leve, não avultam só as recordações do Coliseu: há, ainda, uma grande parada de nomes nas letras, nas finanças, nas artes, na vida social portuguesa, que depõem a favor da monumental casa de espectáculos. Algumas cartas e crónicas são verdadeiras obras-primas — e, neste aspecto do livro está um dos melhores motivos do seu valor: é quasi uma antologia!

NOTAS RAPIDAS



Para festejar os 60 anos do Jardim Zoológico, a actual direcção inaugurou e promoveu numa sessão solene uma lápide com os nomes dos seus fundadores a que Presidência do Estado. Na foto, vêm-se o sr. Presidente da República, os srs ministros das Colónias e da Educação, e o sr. Dr. Francisco Emídio da Silva.



João Fragoso e Martins Correia, dois dos nossos mais novos e brilhantes escultores, foram agora distinguidos pelas altas esferas do nosso meio artístico: o Instituto para Alta Cultura acaba de lhes conceder uma bolsa de estudo de dois anos em Madrid, para onde seguiram há dias, no «Lusitânia-Expresso».



Promovido pela F. N. A. T. e pela Emissora Nacional, realizou-se, há dias, no gímásio do Liceu Camões, um serão cultural recreativo, dedicado ao pessoal dos C. T. T. A assistência, enorme, aplaudiu vibrantemente alguns dos nomes mais queridos da nossa Rádio.

UM INQUÉRITO RELÂMPAGO

Joga na lotaria? Já lhe saiu algum prémio?

A sorte grande sai sempre aos outros. Todavia, ela não deixa, como uma tentação de fortuna, de interessar ricos e pobres. Não há ninguém que não tenha arriscado uma cobrezinhos para ser contemplado. Sim, porque quem não joga — tem a certeza, pelo menos, de que o dinheiro não lhe sal do bolso. Porém, às vezes, há horas felizes, encontrões da felicidade. Não é ao primeiro que tem acontecido rejeitar a sorte grande. Mas quem nos diz a nós que o número premiado teria sido esse que se rejeitou, se o tivéssemos em nosso poder? Parece que o simples facto de ele ser ou não ser nosso vem alterar o prémio tentador, quando a bola cal. Seja como for. Hoje joga-se muito, muitíssimo mesmo, e a lotaria continua sendo a doce sensação dos que sonham enriquecer dum momento para o outro.

A primeira pessoa que encontramos, à saída da redacção, é um marçano duma loja aqui do Calhariz — antigamente chamava-se mercearia — que não tem azeite, não tem açúcar, nem manteiga, nem toucinho, nem batatas, e que bem fornecida vende o que há. O rapaz, que se chama João Pedro da Silva, arremelgou os olhos, polsou o cabaz onde havia três pacotes de massa e cebolas já peladas, e respondeu a médio, julgando-nos — quem sabe! — algum agente à paisana: — Jogo, sim senhor! Jogo sempre! Comprô todas as semanas com o Rufino...

— Quem é o Rufino? — Não conhece? — E ficou admirado, de boca aberta, como se nós fôssemos obrigados a conhecer as suas relações de amizade. — O Rufino é o caixairo! Eu sou marçano; sómos de Arcos de Valdevez, estou há três anos em Lisboa, moro na... — Pronto, já chega! — E como o resto não interessava, terminámos: — E prémios? Já apanharam algum? — A letra, só a letra! O ano passado ia-nos saindo a estalada. Olhe que fol só por um número que falhou... — E com certo recelo: — E agora posso ir-me embora, senhor guarda? — No «Café Chiado», a uma mesa, logo à entrada, o dr. Gama Osório lê o jornal da manhã enquanto ia sorvendo o seu «caricoca». — O doutor joga na lotaria? — Conforme! Se tenho fé habilito-me, mas com gana. Comprô um bilhete. Depois esqueço-me e estou grandes temporadas em que me não lembro disso. — Já teve prémios? — Um, sempre um! — Chelos de curiosidade, volvemos: — Sorte grande, não? — Não, amigo! O prémio da consolidação... isto é... ajudando a Misericórdia a proteger as suas instituições de beneficência! — No outro lado, o professor Azevedo Pinto falava com um grupo de ami-

gos. Já todos tinham bebido o café. O cavaqueiro estava animado. — Desejamos saber se o senhor professor joga... — A quê? A bola, ao stennis, às cartas? Não — falta-me tempo para isso... — Não, na lotaria... — Nunca comprei jogo. Caso curioso: em minha casa jogam. Parece que nunca sai nada; mas já tive duas criadas premiadas com a sorte grande... — Já vê... — Pois sim. A uma saíram-lhe dez contos — e, passados dois anos, batia-me à porta para voltar a fazer os refogados. A outra não sei, mas parece que ajuda o marido a trabalhar a dias... Isto, porém, não quero dizer nada. Não jogo exactamente como não fumo. Nunca me habituei. E se tenho vivido até aqui sem a preocupação de ser rico, não é agora, com a minha idade, que me vou ver em embarços sem saber o que hei-de fazer ao dinheiro... Na rua encontramos uma gentil dactilógrafa da casa «Império». Responde ao nosso inquérito com a condição de não dizermos o nome, por causa do namôro, um cadete cívico que nem a deixa respirar. Com um sorriso luminoso, Maria — mau, já iamoz dizendo o nome — começa por nos dizer: — Jogo todas as semanas! Tenho palpites; gosto das capicuas e dos números que, somados, dêem três. Chego muitas vezes a correr cam-

bistas e tabletas para encontrar o número predilecto... — E dá-se bem com esse sistema? — Muito; não calcula! Apanho sempre dinheiro. — Prémios grandes? — Razoáveis... Cem escudos, cinquenta — e já uma vez pelo Natal tive um conto e quinhentos. Posso contar as vezes que têm saído brancos... — E, para terminar este inquérito, fomos procurar Laura Alves ao Avenida. A insinuante vedeta, que a «Roza Pequena» do «Zé do Telhado» tem afastado do público da capital, só agora voltou ao seu querido palco onde tem colhido as mais quentes ovações. No meio da balbúrdia dos ensaios, Laura Alves, sempre gentil, vai responder: — Se joga? Pois claro: ao dominó, ao burro em pé, à busca de três... — E na lotaria? — Pouco... — E, numa confidência: — Bem vê, o «Zé do Telhado» protege-me; se me visse com a sorte grande nas mãos era capaz de me assaltar... — Ninguém foge ao seu destino... — Nem mais! Se tiver de ser pobre toda a vida, só-lo-ei. E a maior sorte grande que a gente deve desejar é ter saúde e trabalho... — ...e bastante dinheiro para gastar! — acrescentou uma insinuante corista que, ligeira, vinha a correr do palco, onde o ensaio ia recommençar.

CANÇÃO DO OUTONO

QUANTOS poetas da música e das palavras cantaram o Outono, as suas árvores de braços descarnados, erguidos para o céu numa súplica de sol, de luz e de calor? Almas vencidas, corpos desnudos, elas despiram-se num gesto de holocausto e de suprema isenção ascética. Já não há roupagens fofas, os ninhos despovoaaram-se, a renda escrita no céu é mais subtil, mais graciosa e mais nítida. Vem aí o Inverno, chegou o Outono, as nuvens amostram-se no cobalto da paleta celeste. A terra está empapada, sofre como as árvores a trágica odisseia das inclemências, para que a Primavera possa anunciar um ano farto e o Verão dê à luz frutos criadores da humanidade...

(Fotos João Martins)



AQUILINO RIBEIRO

CAÇADOR E CEAREIRO

NA SUA CASA DE SOUTOSA



Trepadeiras frondosas, pátidas glicínias vestem de novo as paredes velhas da casa de Soutosa, pertença de Aquilino, herança dos avós.



A confundir-se com as outras «choupanas», lá está a de Aquilino, que regressa da cira com o filho e neto de Bernardino Machado.



Aproxima-se o regresso à capital e a esposa e o filho de Aquilino ajudam-no a deixar tudo a recato de poeiras, guardar retdulos e peças preciosas de talha.



Pelo ruído do cair do milho, logo se vê se está sêco para o guardar no celeiro. Aquilino faz a experiência, porque êle é entendido.

O automóvel rola vertiginosamente na estrada. De repente, pára diante daquela casa, recolhida como senhora provinciana no mistério de uma sombra sêca e repousante, chapa escura batida pelo sol.

É all Soutosa, meia dúzia de casas negras sem rebôco, a terra árida, a serraiana abrupta da Beira-Alta, em plena freguesia de Peve — uma casa para os servir, meus senhores...

Nessa casa igual a tódas, que apenas tem mais que as outras o rebôco ligeirinho da cal, vive um homem diferente: «caçador, ceareiro, podador, pescador de trutas, batedor de estradas, homem de feira e arralal, é o que eu sou na Beira» — escreveu um dia Aquilino Ribeiro, o dono da casa onde vamos entrar com o leitor e o nosso fotógrafo João Silva, pois são dêle as fotos que reproduzimos.

Aquilino vive, como escreveu: uma vida simples de beirão, com a esposa e o filho em férias.

Logo à entrada, a «Velhaca», uma bela perdigueira, vem-nos ladrar alegremente. Ela conhece a máxima beirão: — Entre quem é e que vier por bem!

E a «Velhaca» salta, corre a anunciar o dono que, na velha adega adaptada a sala de trabalho, estava em arruações.

— Vamos de abalada para Lisboa. É preciso pôr em ordem a livralhada, deixar tudo a resguardo da umidade e das poeiras...

E Aquilino vai mostrar-nos a sua terra, bocado dos seus livros, páginas de romances vivos que escreveu ou que lhe andam na memória. É fim de Verão, as eiras de lagedo polido erguem os seios redondinhos para o céu, cheias de milho loiro que o sol há-de secar. Aquilino sabe-lhe os segredos e as manhas, vive com os homens da jorna os martírios da terra úbera, delta sempre uma mão ao trabalho que é de todos.

Preguntamos a Aquilino em que passa o tempo quando foge do cavaco da Bertrand, em Lisboa, ou dos tratos à coureira que lhe ficou na Cruz Quebrada.

— Leio, penso é vivo os meus romances por êstes cerros onde caço perdzizes e sinto a alma da gente rude e simples que a povoa...

Aquilino identifica-se com a paisagem. A sua alma é forte como ela, a paisagem vive em si e nas páginas dos seus livros, documentos humanos e da terra que nunca teve quem mais a amasse e compreendesse nos seus erros e virtudes.

O forno, a cozedura do pão, a água da nascente que é de todos, à vez, para chegar onde o sol queimou raízes, a obra a rogo e de permuta, o trabalho do campo alheio e os arranjos da choupana que é só dêle — tudo isso lhe preenche o tempo, como bom senhor de terra de grangeio que êle é.

A volta, já de novo a saltarmos para o carro, preguntamos:

— Até quando?

— Até Lisboa, e em breve! O Outono é borrasqueiro e frio nestes cerros!...

O carro arranca, a «Velhaca» pula numa mesura de quem diz «boa viagem» e, daí a nada, essa «Casa de Soutosa» perde-se na distância, igual às outras casas negras de granito...



BELO MARQUES vai apresentar em S. Carlos a "Fantasia Negra"

Belo Marques, o maestro que à Rádio tem dedicado grande parte do seu trabalho, esteve, de 1938 a 1942, em terras portuguesas de África. Trabalhou em Rádio Clube Moçambique. Mas o seu maior trabalho musical foi feito em plena selva...

Durante anos, Belo Marques percorreu toda a região do sul do Save, Moçambique, recolhendo temas negros que os próprios pretos, nos seus batuques festivos, cantavam e dançavam.

Um dia, voltou à metrópole. A E. N. mais uma vez pôde contar com o seu concurso. Assim, formou os quartetos vocais masculino e feminino (com o qual o vemos na foto), a Orquestra Típica Portuguesa, etc.

Na próxima noite de 29, o Teatro de S. Carlos apresenta o maior trabalho musical de Belo Marques — um concerto sobre temas negros, recolhidos por este maestro: «Fantasia Negra». Belo Marques — dirigindo a Orquestra Sinfónica Nacional, os Coros Scalabitanos e os solistas soprano Raquel Bastos e violinista Paulo Manso — vai ter, com certeza, na noite deste concerto, um enorme êxito.

Ora já se possa comunicar a Belo Marques, com a ovação que ecorará em S. Carlos, a expressão convincente da admiração que a sua arte merece.

"NESTA ALDEIA PROVINCIANA..."

IGREJAS CAEIRO

Ninguém coisa do muito que pensa sobre Teatro, Cinema Rádio

RECORDAM-SE do concurso «A procura dum actor e duma actriz»? Pois neste concurso, organizado pelo «Diário de Lisboa» e pelo Teatro Nacional, apareceu um rapaz de boa figura, alto e amorenado, que concorria pouco confiado na vitória. Mas da descrença passou à certeza: tinha ganho o concurso e iria receber o prémio. Isto é um contrato para o Teatro Nacional. E surge, assim, nas colunas dos jornais um nome que hoje todos mais ou menos conhecem: Igrejas Cairo.

A sua ascensão foi rápida. Hoje abrange, destacadamente, funções importantes: na Rádio — como locutor; no cinema e no teatro — como actor.

Na justa homenagem àquêle que venceu pelo seu esforço e no convencimento de que o público de Igrejas Cairo gostará de saber as opiniões deste artista, aqui fica o relato simples da simples conversa amiga duma tarde de café:

SOBRE TEATRO

— ...Sim, como ia dizendo, após o concurso «A procura dum actor e duma actriz...», espere, a estrela do Nacional. Enquanto isso, prepare a minha colaboração para o teatro radiofónico da E. N. e, por convite, fiquei como locutor, o que, com franqueza, não esperava nada... Depois, vieram o cinema, a estrela no teatro, o trabalho diário na E. N....

— Sobre teatro, o que pensa?
— Creio que o teatro está a melhorar. A crise quasi já não existe... O teatro português está a atingir directrizes — segundo o que eu penso — de que vão beneficiar actores, autores e o próprio público.

— Qual a tua grande sensação artística, a maior?

— A note da minha estrela... O Nacional, onde estavam quasi todos os meus amigos, ecoou um aplauso enorme de todo o público em geral — talvez arrastado pelos primeiros aplausos desses amigos... Mas, repara: recentemente, fui outra grande emoção: na noite de estrela de «Miss Ba» senti vibrar o público duma maneira que se me comunicou. Pelos seus aplausos pareceu-me que esse público confia no meu futuro teatral...
— E, nesse futuro teatral há grandes aspirações?

— Sim, há... Mas não têm satisfação possível, visto que a exploração teatral depende, e todos sabem, dos empresários, e eles sabem bem o que lhes convém... Isto sem critica aos empresários...

SOBRE CINEMA

— Mudemos de assunto, Cairo. Sobre cinema, que pensas?

— Muitas coisas...

— Bem sei... Mas só interessam, neste momento, as que te dizem respeito. Por exemplo: o que tem sido, para ti, o cinema?

— Apenas, e muito sinceramente, uma fonte de receita. Ainda não consegui satisfazer o meu desejo artístico...

— Se te falar no teu último filme, não te zangas?...

— «O Violino de João»... Não, não me zango... mas prefiro não falar. Sobre esse filme já se disse tudo... Dir-te-ei, apenas, que se me aparecer outro «Violino de João», com contrato igual, aceito. Aceito, porque, infelizmente, os actores portugueses não podem ter o luxo de escolher papéis...

— Perdoa a insistência: Se te colocares como público e avaliares o teu trabalho nesse filme, que conclues?

— Como público... — nota, como público inteligente — acho que aquêde papel e aquêde trabalho não me prejudicaram... Mas, para isso, é necessário definir bem os limites da actividade dum actor...

— Que próximos papéis, em cinema, gostarias de desempenhar?

— Tenho a aspiração, já antiga, de fazer um galã de comédia, mas de comédia espirituosa, comédia retrato da vida, com fundo humano...

SOBRE RÁDIO

— Falemos agora de Rádio. Como profissional, diariamente em contacto com os seus problemas, que pensas da Radiodifusão portuguesa?

— Pessoalmente, meu caro amigo, cumprio ordens... Parece-me, no entanto, que a actividade da Rádio portuguesa está condicionada ao espertilho da Rádio oficial... Dentro da missão oficial, a E. N. quasi que cumpre... Mas vendo o caso duma maneira geral, parece-me que falta à Radiodifusão do nosso país o aspecto de expansão e comunicabi-

«GONGS»

Mais uma vez se levanta a hipótese da reparação do grupo radiofónico «Os Excêntricos do Ritmo». Este conjunto, único no seu género, está estudando propostas recebidas. Oxalá desta vez — se o caso for ávante — Cunha Gonçalves encontre o carinho e o apoio que o seu grupo nunca teve e sempre mereceu.

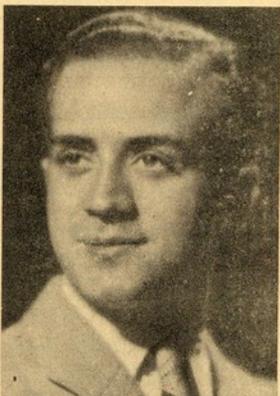
* * *

Nenhum jornal ou revista se referiu ainda a Zé António, pseudónimo dum elemento do quarteto vocal masculino da E. N. Este artista, tenor de voz privilegiada, é, no entanto, quanto a nós, um dos destacados bons elementos da nossa Rádio. As suas interpretações a solo ou incluído no conjunto de que faz parte, têm merecido o maior aplauso. Zé António tem direito a maior popularidade e destaque. Injustiças do público... dos jornais.

* * *

Rádio Luso transmite nas suas emissões uns 70 % de música alemã. O seu locutor, por imposição do programa, em quasi todos os anúncios tem o título alemão...

Questão de gosto?... No entanto, parece-nos que, com vantagem para os seus programas, podia transmitir música doutra qualquer nacionalidade. Por exemplo: música italiana, japonesa, etc....



lidade que só se consegue em organismos de carácter particular e comercial. Digo «comercial» e não esqueço o bom gosto nem a responsabilidade de influir na mentalidade pública...

— Vês algum remédio?

— O remédio vêm-nos todos. Está à vista na Radiodifusão brasileira. Há a «Hora do Brasil», em que todas as estações, simultaneamente, transmitem o programa oficial; depois, cada estação cria programas de harmonia com o gosto do seu público e sempre com a preocupação de educar e distrair... Mas, isto, para ser bem feito, só é possível com publicidade... uma publicidade bem orientada, que divirta e atraia...

Óptimo! Gostei desse entusiasmo denunciador de verdadeiro radiófilo.

— Sim, adoro a Rádio... Interesse-me imenso. E acho curioso este amor, tanto mais que a Rádio é completamente diferente do teatro e do cinema — embora mais parecida com este — duas coisas que também muito me interessam.

— Pensas poder levar pela vida fora o desempenho de funções no teatro, no cinema e na Rádio?

— Por que não?... Aliás, isto é normal em qualquer país. No nosso, acho-o muitíssimo mais, visto que uma só destas funções, como todos sabem, não dá materialmente o suficiente e...

— Bem, bem... Passemos adiante. Iramos cair no eterno problema!... Outra pergunta: a Rádio portuguesa está bem servida de locutores?

RADIO

NOTA

DA SEMANA

O que é preciso fazer

E todos os factores que contribuem para a orientação dos povos, um mereço destaque, não só pelo sua influência e aceitação, como também pela fantástica riqueza persuasiva. É a Rádio. Num país pobre de meios de divulgação e de transporte, a Rádio tem ascensão e prestígio notáveis. Tal é o nosso caso. Deve ser fundamental a importância da Rádio na educação da massa popular, além da sua preponderância como fonte informativa.

A par deste aspecto, a Rádio deve representar, ainda, por excelência, a distração do povo — a mais barata, a mais cômoda, a mais convincente.

Depois, a Rádio é ainda a fonte musical de inesgotáveis recursos e, consequentemente, o melhor meio transmissor de Arte.

Estará a Rádio portuguesa à altura da sua transcendente missão? Cremos que não. Poderá a Rádio portuguesa chegar até ao nível que tudo aconselha? Cremos que sim. Para tal conseguir, que é preciso? Seguir o exemplo do mundo e dar à Rádio portuguesa o nível de melhoramento que ela merece, dando solução aos seus velhos problemas orgânicos...

E não vale a pena citar aqui quais eles são!...

F. C. R.

Cartas dos ouvintes

Endereço: Rádio, «Vida Mundial Ilustrada», Rua da Emenda, 69, 2.ª, Lisboa.

JOAO SOUTO (Colmba) — A propósito da zanga Oscar-Arménio, este ouvinte diz: «...nós, aquêles que, durante a semana inteira trabalhamos, muito gostaríamos que se tornassem a ouvir as suas vozes». Para isso, pedimos encarecidamente aos dois notáveis artistas que se reconcillem e que continuem nas suas canções, motivo de entusiasmo, de descanso e distração para o nosso espírito. Faça, pois, votos para que esse reconciliação seja muito breve.

Pensamos o mesmo e associamo-nos ao seu voto...

«BONECA REBELDE» — Obrigado pelas palavras. — Maria Eugénia, após o filme «A Menina da Rádio», foi convidada para cantar na E. N. A sua situação de colaboradora eventual não tem carácter fixo. Gostos não se discutem... Refere-se ao concurso deste jornal, não é? Pois, amiga radiófila, que queres que lhe diga?... Sinceramente, não sei, porque não houve a menor interferência. Pergunte ao visado ao público e aos votantes. — Sujeitar-se às provas experimentais perante júri e ser aprovado. — Mande sempre.

GABRIELA LEMOS (Tomar) — Obrigado. — Os artistas da E. N. são pagos pela própria E. N. A estação oficial portuguesa não atua como regra geral, colaboração gratuita. — Dirija-se aos que lhe interessam, para a estação em que trabalham. Só eles lhe poderão responder. — É apenas necessário o bilhete, que pode ser adquirido (com certa antecedência), ao preço de 2850.

GALANDINA (Barcelo) — Agradeço sinceramente. — A locutora M. de Rezende esteve em gozo de férias, e actualmente encontra-se, por motivos de saúde, ainda afastada do serviço. — Maria Lalande. — Sim, de facto. Mas não o podemos dizer. Terá de contentar-se com o pseudónimo. — Mande sempre.

COCKTAIL

Sabe quem foi STEPHAN ZWEIG?



NA Áustria, nesse ano de 1881, nasceu um homem que havia de ser célebre, quer como romancista, quer como biógrafo. O nome que lhe puseram foi o de Stephan.

Vienna, que o viu nascer e crescer, bem depressa se veio a orgulhar de Stephan Zweig. Muito cedo, apenas com dezanoes anos, o seu primeiro livro de versos: «Corças Preciosas».

volume conheceu a luz da publicidade. Chamava-se «Corças de Ouro», uma colectânea lírica. Sete anos depois, publicou o segundo e último livro de versos: «Corças Preciosas».

Depois, Stephan Zweig voltou-se para o teatro e tornou-se um esplêndido concededor da arte e da técnica cénica, como o provou ainda em 1930 com «A ovelha do pobre», uma peça de tema social.

Todavia, foram as suas novelas que lhe deram o nome que hoje ocupa na literatura, desde o «Amor de Erika Ewald», publicada em 1904, pouco conhecida, mas onde Zweig já ensaiava os seus altos vócos para a ficção, até ao «Amok», as «24 horas na vida de uma mulher», etc., etc.

A actividade de Zweig não ficou só no teatro, na poesia e na novela. Onde ele é grande é, sobretudo, nas biografias e nos estudos críticos. Os livros que compôs sobre Verhaeren, sobre Baudelaire, sobre Balzac, sobre Dostolevsky, sobre Fouché e sobre Maria Antonieta são esforços interpretativos dignos de um grande homem na literatura universal.

Matou-se há três anos no Brasil, e nas circunstâncias dramáticas que todos conhecem. Com a sorte de Stephan Zweig o mundo perdeu um grande homem.

PROFISSÕES CURIOSAS

HÁ mil maneiras de ganhar a vida difícil de cada dia. Desde o cego que pede esmola, até ao nutrido banqueiro ou ao agiota de grosso charuto, val a uma escala interminável de profissões. Entre elas, há algumas bastante curiosas, como estas três de que damos notícia.

Na primeira, temos a «mulher manequim». Trata-se de uma pobre rapariga, empregada numa fábrica de máscaras humanas. O seu trabalho consiste em deixar que lhe borrem a cara com uma massa especial. E deve permanecer, por largo espaço de tempo, triste, sem que as suas feições sofram a menor contracção. Depois da massa secar, tira-se a mesma do rosto da empregada e aí temos uma máscara feita.

Na segunda foto, temos uma mulher que ganha a sua vida com o nariz. É o que se pode chamar «sofiteadora». Empregada num laboratório químico, tem a obrigação de descobrir, pelo cheiro, o valor e a particularidade de diferentes perfumes.

Finalmente, na terceira fotografia, vemos um homem com capacete de «rugby», caindo por uma escada abaixo. Não julguem que o infeliz tropeçou. Não, senhor! O seu trabalho é esse mesmo: experimentar a resistência dos capacetes numa fábrica da especialidade...



Três definições célebres

Confusão: felicidade de muita gente.

Resignação: morte aparente.

Amor: sarampo da imaginação.

O CÉLEBRE "SU-LIN"...

A América inteira adora este delicioso animalzinho que dá pelo nome de «Su-Lin». Bastante novo, seis meses apenas de nascido, «Su-Lin» já tem uma história bastante accidentada.

Ninguém conhece os seus pais e não se sabe mesmo como o pequenino «Su-Lin» apareceu em Chicago. Mas a verdade é que um dia, faz agora precisamente dois meses, o senhor Mc. Steel ao entrar em casa, depois do trabalho, encontrou tudo em desordem. O pano que cobria a mesa fora atirado para um canto a água, transbordando da banheira, inundava o chão; havia ainda pratos partidos e, sobre uma «carpete», encontravam-se algumas cascas de banana.

Admirado, o sr. Mc. Steel chamou pela mulher. Nenhuma resposta. Tornou a chamar, mais alto ainda, e, por fim, fol dar com ela, na cozinha, inanimada.

— O que foi? — perguntou o marido, despertando-a.

A senhora teve uma crise de nervos. E, por entre lágrimas e soluços, contou que tinha visto «uma coisa», «uma coisa estranha», que parecia um rato ou um macaco ou qualquer coisa que o valha. E encheu-se de medo, como era natural, e desmaiou.

Inquieto, o marido deu uma batida à casa. Nada se encontrou. No outro

dia, convencido que tudo aquilo, afinal, não passara de uma visão da mulher, partiu, alegre e confiante, para o trabalho. Mas ainda não tinha dado o meio-dia, já a mulher, lívida e chorosa, lhe entrava pela oficina dentro, gritando que tornara a ver a «tal coisa».

O marido armou-se de uma carabina e, chegado a casa, deu nova batida. Não houve um canto, um móvel que não fosse muito bem revistado. E, como da primeira vez, nada se descobriu, a não ser mais cascas de banana sobre a «carpete» e uma garrafa de leite entornada no armário.

— «Aqui há coisa!» — pensou, e muito bem, o sr. Mc. Steel.

No dia seguinte resolveu não ir ao trabalho. Escondeu-se com a mulher a um canto, à espera da «tal coisa».

E esperou, esperou, até que os seus olhos se esbugalharam de espanto. Um animalzinho com a cabeça branca, as orelhas negras, avançava, pé ante pé, cauteloso, sorrateiro, esgueirando medrosas olhadelas para todos os lados. Depois, convencido que estava só, saltou para cima de uma cadeira, daí para o armário. Abriu-o. Tirou uma garrafa de leite e, sem mais cerimónias, tratou de emborcar até ficar satisfeito. De seguida, pulando para outra cadeira,

acercou-se do prato da fruta e comeu nada menos do que quatro bananas, atirando as cascas para cima da «carpete».

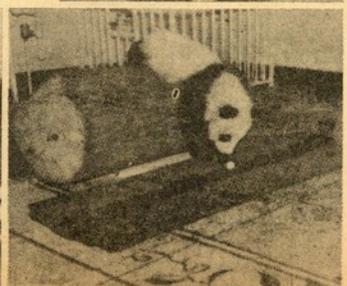
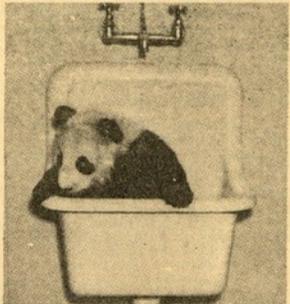
O senhor Mc. Steel estava atônito. Tinha a caçadeira na mão e preparava-se para dar um tiro na «tal coisa» que lhe revolvia a casa e fazia desmolar a mulher. Então, viu uma coisa surpreendente: o bicho saltava para dentro da banheira, abria a torneira da água quente e banhava-se muito regalado.

— «Isto já é abusos!» — pensou o senhor Mc. Steel. E apontou a caçadeira. O animal pressentiu o que se ia passar. Volveu a cabeça para o sr. Steel e os seus olhos tornaram-se tão magoados, tão suplicantes, que o homem não teve coragem para o matar.

E aqui começou a segunda parte da vida do «Su-Lin». O senhor Mc. Steel adoptou-o, e hoje vivem todos como grandes amigos. Estas fotografias mostram alguns momentos do «Su-Lin» no seu quarto particular.

Basta dizer que o sr. Mc. Steel arranjou uma boa fortuna à custa do «Su-Lin». Todas as semanas vai expô-lo no Jardim Zoológico, e é tanta a afluência do público para o ver que o sr. Mc. Steel abandonou o emprego e construiu uma bela casa.

E esta, pois, a história do «Su-Lin»...



FILOSOFIA DE TRAZER POR CASA



Não basta exaltar a virtude: é necessário praticá-la.



Quem quer vai; quem não quer ir — telefone.



Não há sexta-feira de Paixão — sem sábado de aleluia.



A graça é a inteligência da mulher; a inteligência é a graça do homem.



A língua das mulheres é uma espada. Ai de nós, quando ela sai da bainha.



Não há cigarro, sem fósforo.



Não se pescam trutas — no restaurante.



Calai-vos quando tiverdes de falar — e sereis um sábio.



Para mulher com barbas — navalha na mão.



Mulher à vela, — marido ao leme.



A civilização não passa da selva-jaria — de casaca.



Para que a união faça a força é preciso que todos puxem para o mesmo lado.

CALÇADA DA GLÓRIA

FILOSOFIA DE TRAZER POR CASA



Não me pagam. — não canto.



Pensa sete vezes, o que tens de fazer uma só.



Não existe tristeza maior do que a falsa alegria.



O pior surdo é aquele que tapa as orelhas para não ouvir.



Queres saber qual a melhor isca? Consulta os velhos peixes.



Para mau orador — bom dorminhoco.



A miséria do rico corresponde a vaidade do pobre.



A dormir, sonha-se: só bem acordado se realiza.



A Moda não terá idéias, mas tem mais do que isso: tem opiniões.



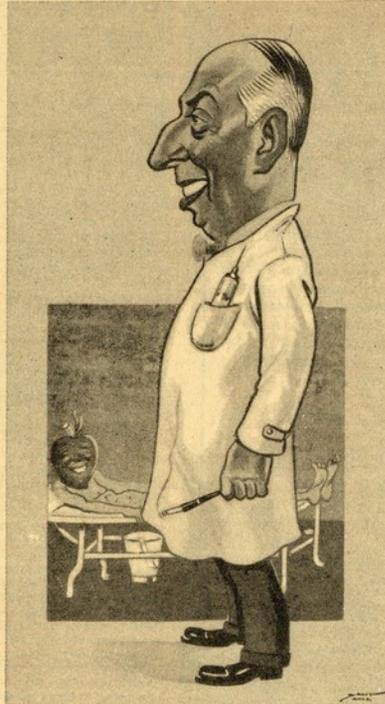
A estôpa faz má camisa: prefiram a popeline.



O amor é uma bota. E por isso que o casamento é um par de botas...



O sábio pensa que não sabe nada; o ignorante julga que sabe tudo.



(Caricatura de Santana)

EUGÊNIO MAC-BRIDE

Se é doce e gostoso desfastio
Ver tocar-se de manhã as mimosas flores;
E sorrindo às areias e aos verdores
Ver alegre, saltitar, o doce Rio;

Se é doce, inocente desajô
Ouvirem-se os poetas amadores
A cantarem as Musas e os humores
Por entre os aromas do claro estio;

Se é doce ver o céu todo estrelado;
Se é doce ver o sol immaculado;
Se é doce ver a lua em 'off-side';

Mais doce é saudar, e com saúde,
Um médico de fama e de virtude
Como o dr. Eugênio Mac-Bride!

ELMANO SALGADINHO

Os anos do pai Adão

ECA de Queiroz, reproduzindo a afirmação do ilustre e douto Usserius, bispo de Meath, no seu *Annalis Veteris et Novi Testamenti*, revela-nos que Adão, Pai dos Homens, foi criado no dia 28 de Outubro às 2 horas da tarde. Há quantos anos? Sobre esse infimo pormenor nada nos dizem, nem o bispo de Meath — nem o romancista do *Padre Amaro*. Estamos assim na ignorância de quantos anos faz às duas horas da tarde do dia 28 de Outubro o nosso venerável Pai. Que importa, porém, a idade?! A idade é uma simples superstição aritmética. O que importa é o reconhecimento de que o Pai de nós todos continua vivo e de excelente saúde, crespo e luzidio, boémio e selvagem, com os olhos inquietos e os dentes afiados, tal como nessa longínqua tarde de outono, numa floresta cerrada e tenebrosa, Jehovah o criou, o ajudou a descer da Árvore, o pôs em pé num equilíbrio firme — e com um empurrão sincero o encaminhou para o Paraíso. Decerto muitos milhares de anos têm rolado sobre o dia em que o nosso Pai venerável, emergindo da Floresta bíblica, lançou os seus passos, ora fortes, ora hesitantes, para o Paraíso feérico que Jehovah lhe apontara, ao longe, numa névoa de oiro de luz. Há muitas dezenas de séculos que Adão, nosso Pai, — talvez porque tenha errado o caminho — busca o Paraíso, sem o encontrar; e por mais que mudem os tempos e que as coisas se transformem sobre o mundo — parece certo que o dia 28 de Outubro de cada ano — dia dos seus anos — o encontrará sempre caminhando, ansiosamente, para um Céu cada vez mais apetecido e cada vez mais distante...

Filmes de guerra

GUADALCANAL alcançou um êxito merecido. Lisboa interessou-se por esta obra, que impressiona, sobretudo, pelo cunho de verdade que dimana das suas imagens e pela evidente preocupação de sinceridade que resalta de todas as cenas. Baseado no diário de um jornalista que viveu a dolorosa epopeia, o filme tem a sobriedade do «comunicado de guerra», sem que o clangor das trombetas ou a descrição empolada de feitos heróicos, altere ou macule a serena exposição, o desenrolar dos factos.

Não é possível ver «Guadalcanal» com indiferença. Impossível também juntarmos-nos à extraordinária impressão de verosimilhança que resalta de todas as imagens. Ninguém dirá que a guerra, de facto, não foi assim — tal a sugestão de realismo dessas cenas, reforçada com a rara circunstância do filme nos apresentar uma paisagem humana, quasi desconhecida. Não se descortina, com efeito, na mole acimada das juleiras navais, nenhuma cara conhecida. E não foi preciso o prestígio das vedetas para impor o espectáculo. Vamos mais longe ainda: a presença de Clark Gable, de Errol Flynn ou de Tyrone Power, entre os soldados desembarcados nas praias, teria, possivelmente, roubado ao filme o tom preciso de documentário, o vigor impressionante da reportagem, os seus melhores atributos espectaculares.

«Guadalcanal» é sincero e brutal. Há que louvar a América por não hesitar em pôr diante dos olhos dos soldados o negro quadro dos primeiros desembarques no Pacífico — e a grandeza da tarefa a desempenhar. E a missão dos que partem, nos grandes «transportes», a caminho das praias doiradas, que orlam a selva traiçoeira, engrandece-se e sublima-se, assim, pelo sereno sacrifício dos que marcham sem enganos e sem ilusões. Para os americanos de 1944, a guerra não é a aventura europeia de 1916. Não mais noites bonitas à espera dos expedicionários, cigarros trocados entre dois inimigos que se encontram no fundo de um atoleiro — mas a batalha impiedosa e cruel, a morte sem beleza, a luta sem cavalheirismo. Como vai longe o tempo da «Grande Parada»!

Da outra vez, tivemos que esperar muitos anos, antes de conhecer, no cinema, a verdadeira face da guerra. E só então Léon Poirier nos contou «A Outra Verdade», Pabst evocou «Os Quatro de Infância» e Lewis Milestone nos deu esta extraordinária epopeia que se chamou «Nada de Novo na Frente Ocidental», os dois últimos, aliás, sobre obras literárias, que tiveram extraordinária repercussão mundial. A guerra, «esse monstro», era pintada com cruel realismo. E os filmes deixaram tão profunda sensação de horror, que uma alta personalidade espanhola afirmou não ser possível outra guerra, enquanto a Humanidade se lembrasse dessas imagens. Afinal, tudo esquece, mais depressa do que seria de esperar.

Destas vezes, a tela antecipa-se. Na idade do avião e da T. S. F., o cinema caminhou mais depressa, de acordo com a vertigem que comanda a própria marcha do tempo. E «Guadalcanal» ficará, assim, ao lado de «Sangue, Suor e Lágrimas», da «Família Miniver», de «Refugiados», de «Isto acima de tudo» e de outras obras, como um documento humano e verdadeiro da guerra dos nossos dias — imagem dolorosa e emocionante da «outra verdade», que em relação a 1918 só tardiamente o cinema nos deu a conhecer...

FERNANDO FRAGOSO

Rescaldo de uma entrevista

PIERRE BLANCHARD

vai dizer aos portugueses o que foi a ocupação da França?

ESTA palavra «colaboraçãoismo» pesou muito tempo sobre a França, como um ferrete anti-patriótico. E marcou, por igual, pessoas e actividades. O cinema de além-Pirinéus não conseguiu subtrair-se à acusação. E certos filmes, realizados em Paris, e apresentados no mundo inteiro, por firmas germânicas, como exemplos de entendimento mútuo, contribuíram para radicar no espírito de muitas pessoas a convicção de que a indústria de filmes, como o teatro e o music-hall, se haviam conformado com a situação e seguido as directrizes, afinal, de sempre, a inteligência alemã. O movimento de resistência teve lógico prolongamento nos estúdios. E a França hábilmente fez transparecer — em filmes como «Pontcarra» e «Goupi, mains rouges» — que, sob a aparência do indiferentismo, se escondia, latente, o espírito de revolta, coroado pelo levantamento de Paris. Os estúdios gauleses — afirmou Pierre Chenal, presidente do «Comité de Libération du Cinéma Français» — mantiveram-se fiéis à causa da unidade nacional, à grandeza dum França heróica e martirizada.

Não podemos evocar Pierre Blanchard sem nos lembrarmos de duas imagens: «Roskolnikoff», torturado, doentio, enfrentando os fantasmas do «Crime e Castigo»; o tenente Saint-Ant, sobre o martelo de prata de Antão, prestes a desferir o golpe mortal sobre o capitão Morhange, na ronda voluptuosa e alucinante dos amores com a rainha da fabulosa «Atlântida».

Não Pierre Blanchard, que está na nossa frente, não se vislumbra o mórvido interprete de estranhos sentimentos. Tem o ar de desportista um galá prematuramente embranquecido. E a libertação da Pátria, após quatro sombrios anos de sofrimento, comunicou-lhe um optimismo radiante e feliz.

Vamos votar-nos, agora, à tarefa de restituir o cinema francês à grandeza da sua missão. Entregar os destinos da indústria nas mãos dos que conhecem os problemas que lhe estão afectos. Procuraremos seleccionar as fitas a importar e prosibir a saída dos «navets», que desacreditam a produção nacional. Antes, porém, a missão patriótica e reconfortante de reabilitar, perante a opinião pública, a cinematografia francesa.

Pierre Blanchard fala-nos com entusiasmo dos dias febris da libertação. Conta-nos como se organizaram as brigadas secretas do cinema, como foi possível filmar e projectar, quarenta e oito horas depois do levantamento, o documentário completo do acontecimento. E refere a emoção que sentiu, no «Académi», em Londres, quando a primeira platéa estrangeira pôde comprovar o heroísmo dos operadores e a habilidade dos elementos de resistência, que tudo subtraíram, nos estúdios, à acção do inimigo. Noel Coward escreveu a locução para a versão inglesa, e é próprio a registou ao microfone. Lisboa — garantiu Blanchard — vai ver, dentro em breve, essa obra, realizada com sangue, suor e lágrimas...

Não se avalla a grandeza inultrapassável da entrada das tropas francesas em Paris. Três milhões de pessoas, aliadas, comprimidas, ao longo do percurso. A cidade coberta de bandeiras, aparecidas por milagre. Em todas as janelas, o pavilhão tricolor, quantas vezes reconstituído com uma blusa vermelha, uma toalha branca e o fato de ganga azul do operário.

Interrogamos Pierre Blanchard sobre a situação dos artistas e realizadores franceses que emigraram para a América:

— Pouco sabemos a respeito deles. Mas estou certo de que a sua acção se notou pelos seus patrióticos sentimentos — e que nunca perderam o ensejo de se manifestar, de acordo com a verdadeira voz da França.

Pierre Blanchard dentro de algumas semanas estará de volta. E é possível, então, que a sua presença coin-



Pierre Blanchard e Fernando Fragoso, durante a entrevista que nos concedeu

cida com a estreia dos filmes da «Resistência», e que Lisboa o ouça contar o relato apaixonante dos dias que viveram e da tarefa silenciosa que levaram a cabo.

FITAS FALADAS

TAL e qual como nas festas de benefício. Muitos actores, um cartaz impressionante — e no fim a proverbial sensação da espectativa lograda. Porque as vozes não fazem correspondido à plumagem? Em boa verdade, tal não pode dizer-se. As empresas cinematográficas, quando anunciam estes «all star casts», cumprem honestamente aquilo a que se comprometeram. Citaram cinquenta estrélas — e as cinco dezenas de estrélas lá estão. Simplesmente, a névoa densa da mediocridade mal as deixa entrever. E quando a gente pensa gozar o encanto espiritual de tal constelação, passa horas a olhar para a tela, antes que as descortine. Mas afinal estão lá inteligíveis. Embora, quid sempre, em eclipse...

«Chuva de Estrélas», título português de «Stage Door Canteen», pertence a este número. O filme documenta a curiosa iniciativa das vedetas americanas do Teatro, do Cinema e da Rádio, erguendo, em Nova-York, só para os soldados, o mais atraente «cabaret do mundo! Como «southerners», as grandes vedetas internacionais. Nos cozinhas e na sala, copeiros, cozinheiros, criados e «matres de hotel» são astros famosos de Hollywood e da Broadway. No palco, as grandes orquestras, os mais caros números de «music-hall», as artistas que os teatros mais prestigiosos disputariam a péso de ouro. E tudo isto, gratuitamente — para os soldados americanos. Tudo isto — e o céu também. Porque as mais lindas mulheres estão ali para os acompanhar, para o «conforto espiritual», sem prejuízo do lúgubro «show» dançando à meia-luz, num ambiente carregado de ternura e de carinho, com o seu quê de rádio-activo e de entorpecente...

E, no entanto, não se suponha que «Stage Door Canteen» participa da boémia dos «night-clubs» ou das «burlesques». As raparigas não podem jantar ou ceiar com os soldados. Nem sequer lhes é permitido tomar «coca-colas» ou uma simples caraphana. E aí daquela que entenda dever prolongar, após o encerramento, a necessidade de proporcionar ao seu soldado dessa noite um maior conforto moral ou espiritual.

A «Stage Door Canteen» é um «cabaret» com regulamento de caserna e um ligeiro tempero conventual.

Para um latino — este «dancing» tem assim, qualquer coisa de irreal e muito de paradoxal. Mas as coisas são como são — há que tomá-las pelo menos pelas aparências.

Reparámos, afinal, que não faldamos do filme. Mas valerá a pena alongarmo-nos? Ele possui o mérito de nos dar, em duas horas, as «saturated», que, normalmente, terão desfilado em dois anos, na «Camêra das Estrélas». E esta condensação — porque não lhe chamar «Stage Door Canteen Digest»? — vale o espectáculo. Tempo é dinheiro, mesmo no cinema.

F. F.



Enigmática, perversa, felina — aqui têm Simone Simon, que se evidenciou ainda há pouco em «A Pantera». Hollywood gostou tanto desta sua caracterização, que vamos ter «A Volta da Pantera», e outros filmes da mesma série.



FRANÇA

Gambeta visto por De Gaulle

GAMBETA é uma figura actual, no mundo em guerra. Quando a França já não podia lutar contra os exércitos invasores alemães de 1870, o patriotismo de Gambeta, como membro do Governo da Defesa Nacional foi o mais eloquente defensor e orientador dos interesses franceses. Mais tarde, depois da derrota, a sua palavra maravilhosa de republicano foi o instrumento mais prestigioso das suas vistas largas e claras. E foi esse prestígio que o elevou a presidente da Câmara dos deputados em 1879, e a presidente do Conselho em 1881.

Agora que fez 112 anos que Gambeta nasceu em Cahors — recordam-se aqui as palavras que Charles De Gaulle escreveu a seu respeito, em «La France et son Armée».

Gambeta personifica, perante a História, o sobressaio da pátria. Quando, a 9 de Outubro, o jovem deputado chegava a Tours, para ir dirigir a guerra na província, não

houve uma pessoa que lhe preparasse o terreno para tarefa tão difícil. Mas ele não duvidava de si próprio, conseguindo suprir com a sua eloquência, ardor e força de vontade a deficiência dos seus conhecimentos técnicos. Essa eloquência, porém, não se baseava em imagens mas em razões donde brotavam idéias práticas. Ardor e ostentação que prende aos seus princípios, pela convicção do espírito, do que pela fuga do temperamento, de qualquer modo uma torrente que transpõe dúvidas e indecisões. Vontade tumultuosa mas que se opõe à inércia e à franqueza geral. Breve, mais apaixonado do que esclarecido, mais activo do que laborioso, Gambeta soube acima de tudo, exercer o império de uma personalidade formidável. Teve qualidades de chefe e de auctoria, numa altura em que a França sucumbia por não ter quem a conduzisse.

A 9 de Outubro de 1870, como hoje, a França procurava e tinha achado um homem...



HUNGRIA

O drama da Hungria está longe ainda de acabar. A confusão dos factos e seus enunciados não nos dão ainda uma medida de todo o seu significado exacto. Eis o protagonista desse drama — o almirante Horthy. Vêmo-lo rodeado de toda a sua família — os elementos mais próximos: sua esposa e sua filha Paula, casada com o conde Karçyl, que está a seu lado e que foi vítima de um desastre de aviação. A seguir à senhora Horthy, está seu filho Estêvão que havia sido designado para suceder a seu pai na regência da Hungria, e que morreu na frente russa. A seu lado, está o filho mais novo do regente, Nicolau, actualmente a combater em Budapeste.

Eis o drama de uma pátria que é um drama de família...

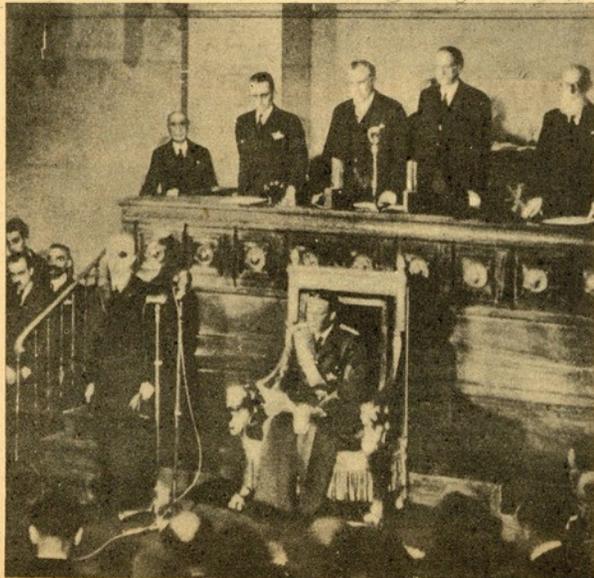


ROMÉNIA

Um documento histórico: a assinatura em Moscovo, do armistício entre a Roménia e os aliados. Pela Grécia assina o sr. Patrascanu.

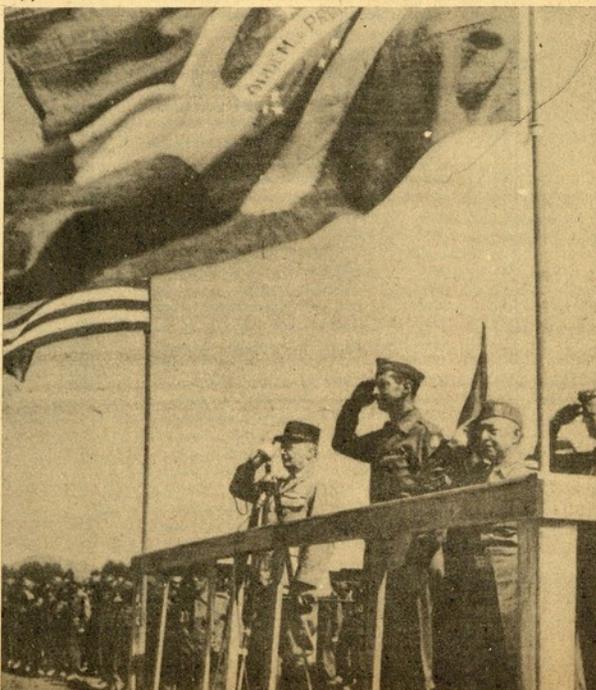
BÉLGICA

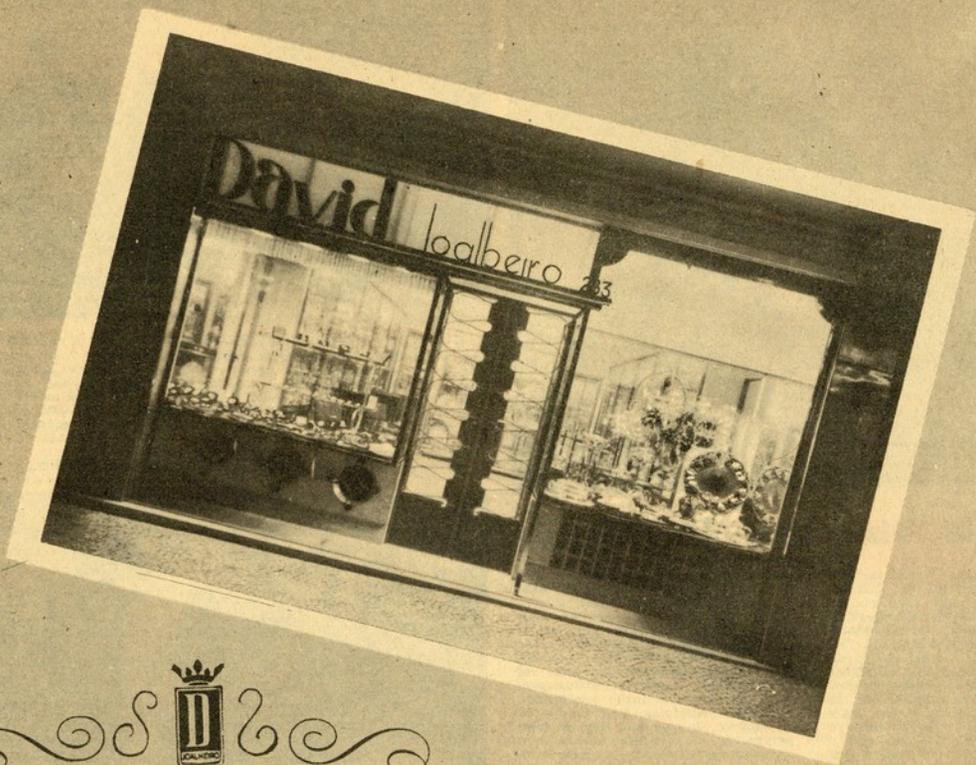
Onde está o Rei Leopoldo da Bélgica? Onde estão sua esposa e os príncipes, seus filhos? Os alemães, em vésperas da invasão, levaram a família real e o Rei dos Belgas para a Alemanha, mas hoje sabe-se muito pouco a seu respeito. Entretanto, a Bélgica liberta elegeu o seu Chefe de Estado, para reinar enquanto Leopoldo estiver impedido de reatar as suas funções. É o Príncipe Carlos, irmão do Rei prisioneiro que, há pouco, prestou juramento no Parlamento. O Príncipe Carlos foi um dos elementos mais activos das Forças Belgas do Interior, refugiado nas Ardenas, bem a coberto da acção da «Gestapo». Na foto, damos um aspecto do cerimonial do juramento, no Parlamento belga, em Bruxelas.



BRÁSIL

O general Mark Clark, comandante do 5.º exército aliado, vê-se na foto à direita do general Lavallade, antigo chefe da missão militar francesa no Brasil e, à esquerda, o general de Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes, comandante das Forças Expedicionárias brasileiras na Itália. No ar, flutuam as bandeiras americana e brasileira.





DAVID JOALHEIRO

DEVIDO ao arrojado esforço de um homem empreendedor e de grande iniciativa, o comerciante Faustino David, foi há pouco inaugurado na Rua da Prata, 281 a 283, um estabelecimento que honra não só o nosso comércio como a própria capital: a Joalheria David. Fômos visitá-lo e ficámos surpreendidos.

É, de facto, um magnífico estabelecimento. De linhas moderníssimas, de um requintado bom gosto, atesta bem o sentido estético do artista que o concebeu, o architecto Raúl Tojal, um dos valores positivos da sua geração. A construção, perfectíssima também, coube ao conhecido construtor Diamantino Tojal, a quem têm sido entregues algumas das melhores construções existentes em Lisboa.

Mas o que sobretudo sugestiona pela sua sumptuosidade é a exuberância do seu sortido de jóias e pratas, que é dos mais completos e variados que temos visto. All encontra em exposição o público mais exigente jóias da mais alta qualidade, pratas que são verdadeiros objectos de arte e relógios das melhores marcas e da mais alta categoria.

Não há dúvida; manda a justiça que se diga: a Joalheria David é, no seu género, dos maiores e melhores estabelecimentos do país. Por isso aconselhamos os nossos leitores a visitá-la. Se o fizerem, como esperamos, ficarão agradavelmente surpreendidos como nós ficámos.



O SOLDADO E A MENINA...

A espera da sentença

por J. R. S.

NUM discurso recente que pronunciou, o candidato republicano à Presidência dos Estados Unidos, Thomas Dewey, criticando alguns pormenores — não o sentido, mas o processo de realização — da política externa de Roosevelt, afirmou:

— Roosevelt decidiu tratar do assunto (Polónia) pessoalmente com Staline. Como se se tratasse de uma conferência de natureza secreta, a opinião pública americana reduziu-se ao silêncio, com receio de que qualquer negociação delicada pudesse vir a ser prejudicada.

Esse um aspecto da crise diplomática dos nossos dias. Depois de 1918, tinha-se dito — era o louvor da organização de Genebra e das suas actividades — que a hora da diplomacia secreta tinha passado. Tudo decorria nas sessões públicas do conselho ou da assembleia — embora quasi sempre os grandes assuntos fossem tratados nos corredores e, segundo as crónicas indiscretas do tempo, algumas vezes em pijama... O certo é que, oficialmente, nenhum responsável se atreveria a proclamar a violabilidade do principio sagrado da publicidade dos grandes debates. Quasi minuto a minuto, o público das sete partidas do mundo era posto ao par de cada pormenor das negociações que precediam os grandes actos. Hoje, porém, enquanto se ensaia a fórmula que há-de traduzir a futura regra das relações entre os povos, pratica-se manufastamente a política do reposteiro. Não se pode esquecer que estamos ainda em guerra e que, por isso, nem tudo pode ser dito em público sem o receio de que o conhecimento das deliberações tomadas e das posições assumidas possa servir de benefício à causa do inimigo. Mas dificilmente, em boa verdade, se pode fugir a comentário do mesmo espirito que inspirou a crítica de Dewey. A «diplomacia nova», enunciada nos catorze pontos de Wilson, «que agirá sempre sem reticências e à vista do público», está, pelo menos de momento, posta de parte.

Tudo parece, entretanto, provir do mesmo pensamento geral: depois de ter estado reunida durante sete semanas, na cidade americana de Dumbarton Oaks, a conferência das Nações Unidas chegou a um sumário de recomendações que podem vir a constituir a base do futuro estatuto internacional, mas deixou por tratar alguns pontos fundamentais, que seriam de resolver, antes do fim do ano, numa conferência dos Chefes de Estado. No mesmo dia em que se tornava pública esta conclusão, anunciava-se a chegada de Churchill a Moscovo, para negociações com Staline, que se prolongaram durante nove dias. Simultaneamente, a assembleia de Dumbarton Oaks abdicou da possibilidade de tentar um esquema geral e completo de soluções e recomenda a abdicção, para o futuro, ao propor que a assembleia da «Sociedade das Nações» — ou como se lhe chame — tenha apenas funções por assim dizer consultivas, deixando para o conselho a missão deliberativa e restringindo, ainda mais, dentro do próprio conselho, essa faculdade deliberativa aos membros permanentes, que serão os quatro grandes — Estados Unidos, Inglaterra, Rússia e China — e, deste modo, abertamente, para a solução autoritária, o que não deixa de ser singular, como decisão, por partir do grupo de potências que começaram a guerra ao bloco anti-democrático constituído pela Alemanha, pela Itália e pelo Japão. É certo que tudo isso vai muito longe — tão longe como o pretexto de Danzig, de que hoje só nos lembramos porque a guerra voltou ao território dos polacos e estes gritam de novo as suas razões de 1939. Depois disso, a concepção geral da guerra evoluiu e, com a decisão à vista nos campos de batalha, procura-se, manifestamente, a linha geométrica que há-de servir para desenharmos o futuro mapa da Europa.

É aqui que importa estabelecer uma distinção nas negociações actualmente em curso entre as potências associadas na coligação das «Nações Unidas»: o logo e o amanhã, as fronteiras a talhar desde o momento em que se o clarim a anunciar o fim da guerra e a organização internacional que se lhe há-de

(Continua na pág. 16)



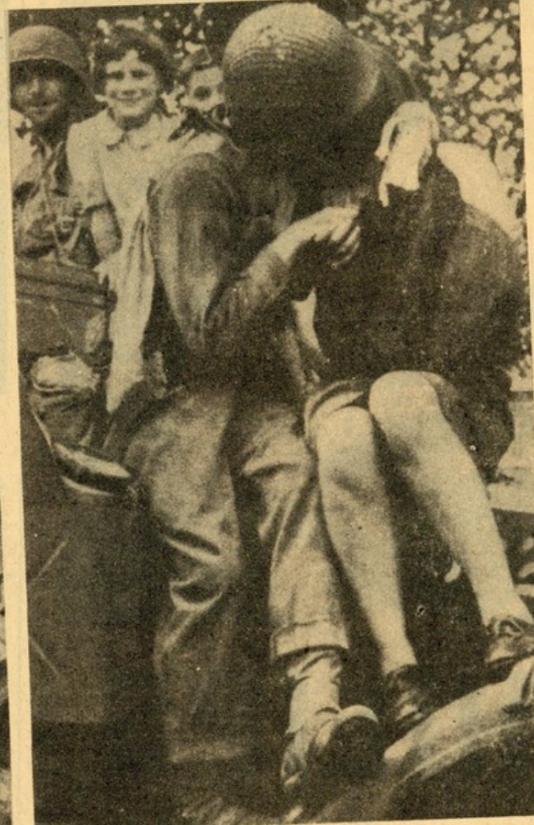
Era uma vez um soldado que entrou em Paris. Conquistou a cidade e o coração de uma menina que era costureira. Ela mostrou-lhe a cidade romântica...



...Ele levou-a ao seu carro de campanha. Havia ali muito que ver e bisbilhotar, porque a menina nunca tinha estado tão perto de um «bicho» destes...



Enfim, ela acha que são horas de regressar a casa. Nunca a mamã precisou de lhe ralhar por ir tarde. É certo que, isto agora, é diferente, excepcional...



Os soldados americanos vieram libertar a França... E como tudo é diferente, não há razão para que não aconteça isto... às vistas dos rapazes lá ao fundo...

HUNGRIA

88.752 quilómetros quadrados a menos

O fim da resistência húngara aproxima-se — o que não quer dizer que se simplifiquem os problemas de guerra e de política nessa segunda metade do que foi o império austro-húngaro. Como na Itália, como na Bulgária, como em todos os países pouco a pouco capitulados, a Hungria sofrerá o capricho dos dissidentes que, não ouvindo a voz da autoridade capitulante, reacendem a luta de guerrilhas, ao lado dos ocupantes e aliados da véspera.

Seja como for, a realidade húngara, para a Hungria e para os que estão de fora, é hoje uma só e irremediavelmente só uma: depois da derrota, o pagamento da vitória aliada. E esse pagamento será duro, porque compreende quasi metade do território que sucessivamente tinha vindo adquirindo, desde 1938.



Veamos, porém, o que se nos oferece a tal respeito e que vem em «Arriba», de Espanha, fazendo-se eco do «Daily Sketch», de Londres: um regresso às fronteiras impostas pelo Tratado de Trianon — ou seja, 88.752 quilómetros quadrados a menos, quasi a superfície de Portugal continental.

A Hungria voltará, pois, aos 93.073 quilómetros quadrados demarcados com o final da Grande Guerra, fora das arbitragens de Viena. A primeira, em 1938, conferiu à Hungria, à custa da Checoslováquia, a zona magiar corenescente a 12.909 quilómetros quadrados; mas tarde, a 15 de Março de 1939, anexou 22.700 quilómetros da Ruténia subcarpática e, im ano depois, a segunda arbitragem de Viena conferia-lhe a Transilvânia, velho ou eterno pomo de discórdia na Europa central — omena primeiro, húngara depois do princípio do século XX, romena pela decisão da pa de Versalhes, para dela voltarem à Hungria 43.591 quilómetros — por virtude da segunda arbitragem de Viena a que nos referimos acima.

As últimas reivindicações foram satisfeitas em 1941, passando, então, para a Hungria o tângulo de Mur e a zona entre o Danúbio eo Tisa, com uma superfície de 10.082 quilómetros.

Tudo isto e as reivindicações não satisfeitas será o preço da derrota húngara, pois as condições de rendição estão de há muito elaboradas. O Banato de Temesvar, a extensa zona que passou para a Iugoslávia, a saída para o mar, o sul transilvano — tudo isso que enstitua a sonhada reconstituição da Hungria, desaparecerá dos mais belos sonhos húngaros.

FRANÇA

Giraud regressa...

O glorioso antigo comandante do 7.º e 9.º exércitos franceses regressou a Paris inesperadamente. Depois da libertação da França, é a primeira vez que se ouve falar do homem que tem o fatalismo das capturas e o misterioso segredo da evasão.

Em 1940, depois da rotura de Sedan, o destino da França parecia traçado e a prisão de Giraud, em Maio desse ano, não podia já abalar a convicção da derrota. Três anos depois, porém, Giraud evadira-se, passava por Vichy e dirigia-se a Argel irredutivelmente convencido de que era preciso continuar a luta. A sua posição ao lado de De Gaulle não fez, porém, esquecer entre outras dificuldades de entendimento, os factores políticos que os separavam. Giraud e De Gaulle desentenderam-se e o antigo prisioneiro dos alemães reservou-se o direito de se colocar na sombra.

A sua nota aos oficiais e tropas que tinha comandado ficou como um magnífico expoente de patriotismo e de fidelidade à França. De Gaulle, por sua vez anunciava que Giraud havia de regressar ao seu posto de combate, à frente das tropas que entrassem em Estrasburgo, a capital da Alsácia francesa.

De facto, as tropas Aliadas aproximam-se da Alsácia. E, de facto também, Giraud regressa a França, como os jornais noticiaram. Devemos atribuir a estas coincidências alguma especial significação?





PHILIPS

a luz que não fatiga os olhos

ACTUALIDADES



Reabriram os trabalhos na Escola do Exército. Para a sessão inaugural, foi convidado o sr. general Carmona, ilustre Presidente da República, que vemos na foto passando revista aos novos cadetes. O Chefe do Estado fazia-se acompanhar do sr. ministro da Guerra e do director da Escola do Exército.



A Casa de Repouso dos Inválidos do Comércio, uma simpática instituição de previdência, beneficiou, recentemente, de importantes obras e ampliações, de modo a comportar 136 internados. As instalações têm estado patentes ao público que visitou, muito interessado, os progressos de uma das mais sólidas e bem orientadas instituições do nosso país.



EMISSIONES DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERENCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
19,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WGEA	25,3	WGEX	16,8
20,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WGEA	25,3	WGEX	16,8
21,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WLWR	23,1		
22,45	WRUS	30,9	WRUA	39,6	WLWR	23,1	WGEX	31,4
Meia hora de notícias, comentários e música								
23,45	WLWR	23,1	WGEX	31,4				
Meia hora de notícias, comentários e música								
24,45	WOOC	31,1			WOOW	38,4	WGEX	31,4
1,45	WOOC	31,1	WRUA	39,6	WOOW	38,4		

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20 horas

EMISSIONES DIARIAS

OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA

A BOLSA DO LIVRO

P. DE D. JOÃO DA CAMARA, 4-4.^o
LISBOA - TEL. 2 8470

COMPRA, VENDE
TROCA, EMPRESTA
E LEILOA LIVROS
EM TODO O PAÍS

INFORMAÇÕES BIO-
BIBLIOGRÁFICAS, ETC.

ÚNICA ORGANIZAÇÃO
NO SEU GÉNERO



EDITORIAL AVIZ

apresenta

O Caso Doruga—C. Huch 25\$00
Duicinéa—C. Selvaeng... 22\$50
Pepita Ximenes—J. Valera 25\$50
A Morte de Camões
—L. Tietz 25\$00
O Vaso de Ouro—Olfmann 22\$50
RUA DA TRINDADE, 20, 2.^o
LISBOA

O LIVRO DO MOMENTO

A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

Resumo histórico da aliança entre Portugal e a Inglaterra
Por RAFAEL MARÇAL

A venda em todas as livrarias.
Uma magnífica edição
de «VIDA MUNDIAL»



CORRESPONDÊNCIA

Alberto de Penamacor (Coimbra) — Em resposta à sua pergunta, tenho a dizer que tanto V. como os concorrentes: **Sacarão (Lisboa)**, **Henriques Fernandes (Estremoz)**, **Repórter X...** (Lisboa), **J. Simões (Caldas da Rainha)**, **Manuel do Carmo Peres (Lisboa)** e **Fernando Rosa (Leiria)**, obtiveram Menção Honrosa no Problema n.º 17, pois apresentaram soluções bem construídas... ainda que sem as provas necessárias e suficientes para provar a inocência de Hogan. Fiz uma nota dizendo isto mesmo, para ser publicada no número em que saiu o Quadro de Mé-

rito do Problema n.º 17 — mas ficou aturada na tipografia. A culpa não foi minha, portanto. Desculpem-se.

Mimi (Viana do Castelo) — Transmiso as suas felicitações a Natércia Pereira Leite (Lisboa).

Zorro (Lisboa) — Manifesta o desejo de se corresponder, por intermédio desta secção, e sobre problemas policiais, com Natércia Pereira Leite, Alberto de Oliveira, Leiria Dias e Zirteba.

Charles Wilson (Lisboa) — Estou a simpatizar com o seu humorismo, creia. Pode mandar mais versos. E a respeito da agulha, já a conseguí eu enfiar no colchão de arame? Ainda se come bem aí na Pensão?

REPÓRTER MISTÉRIO

Concursos mensais de Mistério e Aventura

REGISTO DE PROBLEMAS

Entraram nesta secção, para serem devidamente estudados, os seguintes problemas:

- Casualidade ou Crime — por Inspector Manard, (Setúbal).
- Um Caso de Richard Evil — por Artur Varatojo, (Lisboa).
- O assassinato do Banqueiro Moran — por R. P., (Lisboa).
- O Rapto da Menina — por «O Lobo Solitário», (Pórtio).
- O Crime do Dancing — por R. P., (Lisboa).
- O Roubo das Jóias — por «O Lobo Solitário», (Pórtio).
- O Mistério de Great House — por Artur Varatojo, (Lisboa).
- A morte misteriosa de Harry Compton — por «O Lobo Solitário», (Pórtio).

NOTA — Esta ordem de inscrição nada significa, pois só depois de aprovados é que os problemas receberão um número de ordem para a respectiva publicação. O facto de serem aqui registadas não implica, também, de modo algum, a obrigatoriedade da publicação, pois esta só se faz quando o problema apresentar os requisitos necessários. Como já se disse, os problemas serão seleccionados pela originalidade, pelo estilo e pela acção. Todos os leitores que desejem concorrer à modalidade «Produtores» devem enviar os seus problemas rapidamente, para não demorar muito mais o início dos Nossos Concursos Mensais e porque começamos já na próxima semana a seleccionar os problemas para publicar no primeiro mês.

INFORMAÇÃO GERAL — Tanto os solucionistas como os produtores, ainda que continuem a usar um pseudónimo, devem enviar o nome completo e a respectiva morada para a necessária identificação do nosso ficheiro particular.

QUAL É A SUA OPINIÃO? — Cria-se a partir deste número uma nova secção que se destina a fomentar uma troca geral de idéias sobre «Os Concursos Mensais», os problemas e a orientação desta página. Para iniciar pedimos portanto a Zirteba, Leiria Dias, Natércia Pereira Leite e João Alberto Gouveia que nos deem, por escrito e sucintamente, a sua opinião sobre a pá-

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 20

LOGO que chegou a casa de Lina Scott e examinou o cadáver, o inspector Cobb suspeitou que não se tratava de Lina. De facto, como ela usara durante tempos uma ligadura no tornozelo da perna esquerda, era natural que esse bocado de pele estivesse muito mais claro que o resto da perna, queimada pelos habituais banhos de sol. Além disso, não contava mesmo com a coragem extraordinária que seria precisa para que Lina se suicidasse desfigurando o próprio rosto, a espingarda está numa posição lógica para quem acaba de se suicidar.

Depois, o médico dentista Xavier Vare apresentou a papeleta do tratamento dentário de Lina. Então tudo pareceu claro ao inspector, e ele apenas necessitou de ir ao consultório de Vare, ver se o ficheiro condizia com a papeleta, para as suas suspeitas se transformarem numa completa certeza. Havia aí, nessa papeleta, uma fraude evidente: Xavier Vare inscrevera resultados do tratamento — dentário — em 10-2-1938, em 9-1-1939 e 4-5-1940, quando a papeleta fora impressa somente em 1941, conforme a sua marca de impressão.

E Cobb não teve dúvidas de acusar Xavier Vare como cúmplice de sua prima Lina Scott nesse caso estranho, em que a morte aparecera inesperadamente. Ambos com medo de Lina ser castigada com dura prisão, no julgamento, tinham assassinado uma amiga de Lina Scott, mais ou menos do seu tipo, desfigurando-lhe o rosto, para dar a idéia de que se tratava de Lina. Mas esqueceram-se de que a pele do tornozelo tinha de estar mais clara. Por outro lado, a fraude da papeleta foi pouco esperta — e apenas serviu para confirmar as suspeitas do inspector.

Vare foi imediatamente preso. E Lina não conseguiu fugir à justiça. Simplesmente, teve de responder por duas mortes em vez de responder apenas por uma. Quem não quer ser lobo...

gina «Mistério e Aventura», em geral, e os futuras Concursos Mensais, em particular.

CORRESPONDÊNCIA — Deve ser sempre dirigida a «Repórter Mistérios» — «Vida Mundial Ilustrada» — Rua da Emenda, 69, 2.º — LISBOA.

PROBLEMA N.º 21

Uma história familiar

É possível que continuem a surgir ainda algumas reclamações de alguns solucionistas por não verem o seu nome no «Quadro de Méritos». Mas a explicação para todos eles é a seguinte: enviaram deduções imperfeitas. Nada mais!

Atendendo a inúmeros pedidos que nos têm sido feitos, publicamos possivelmente no próximo número um Balanço Geral da classificação dos solucionistas, tanto na sua generalidade, como em Mérito Absoluto e em Mérito Relativo. Ao fim duma rיתה de problemas — esse balanço já apresenta, decerto, um certo interesse e é indicativo de alguns valores.

Entretanto, informamos que houve muita falta de atenção no que respeita ao problema n.º 20. As soluções do problema n.º 21 devem ser enviadas até ao dia 1 de Novembro. Cautela com os atrasos.



1 Uma certa tarde, em que foi visitar as encantadoras Marcelle e Jeanne, duas primas, o conhecido advogado Dr. Nercell morreu tragicamente, nos braços de Jeanne, vitimado por uma congestão traçoceira.

Jeanne teve um desgosto profundo, imenso, e caiu à cama, gravemente enferma.

Mas o mais extraordinário foi o facto de se descobrirem indícios de envenenamento no Dr. Nercell. De facto, o detective encarregado do caso chegou à conclusão de que alguém deitara veneno no copo do Dr. Nercell, tanto mais que o outro copo não tinha veneno algum.

2 O detective quis interrogar Jeanne, apesar desta se encontrar quasi delirante, pois fora ela que estivera toda a tarde com o doutor. Além disso o detective soube que eles mantinham um actuado «flirt», há algum tempo. Contudo, Marcelle, encorajada, opôs-se agressivamente à visita do detective, que ela considerava uma verdadeira afronta, dado o estado aflitivo da prima.

Nessa mesma noite, Jeanne morreu.



3 Rápidamente se pôde constatar que Jeanne morrera também envenenada pelo mesmo poderoso veneno que vitimara o doutor Nercell. O detective convocou, para o quarto da morta, a enfermeira, que estava de serviço desde a tarde e a chorosa Marcelle.

Ambas prestaram as suas declarações. Marcelle disse que deixara a prima a dormir e que encostara a mesa de rodas à cama, para que ela não caísse, por qualquer motivo. Por outro lado, informou que encontrara um frasquinho de veneno no bolso do casaco da prima, o qual es-

4 A primeira vista, na verdade, tudo parecia indicar um caso passional. Ainda que a mesa não apresentasse nenhuns sinais digitais, o copo apresentava os sinais digitais de Jeanne. Possivelmente, ela envenenara o doutor Nercell e, desgostosa, suicidara-se em seguida.

Seria essa a opinião do detective? Porquê?

tava pendurado ao fundo do quarto.

A enfermeira disse que abandonara o quarto, momentos antes de Marcelle e que acreditava no suicídio de Joana.

(Leia a solução no próximo número.)

Quadro de mérito policial dos solucionistas do problema n.º 19

(Por ordem alfabética)

MÉRITO ABSOLUTO:

- (15) Alberto de Oliveira (Lisboa).
- (10) Artur Silyari (Lisboa).
- (14) Artur Varatojo.
- (9) Carlos Idães (Lisboa).
- (4) Detective Janes (Setúbal).
- (3) Inspector Montenegro (Pórtio).
- (5) Inspector Manardo (Setúbal).
- (18) Leiria Dias (Lisboa).
- (14) Mimi Sherlock Holmes (Lisboa).
- (14) M. S. A. (Coimbra).
- (18) Natércia Pereira Leite (Lisboa).
- (12) O Lobo Solitário (Pórtio).
- (16) Rapsag (Setúbal).
- (6) Sete de Espadas (Aguilva).
- (6) Três Sombras (Lisboa).
- (18) Zirteba (Lisboa).

MÉRITO RELATIVO:

- (1) A. Black Cunt (Lisboa).
- (8) Adolfo Lima (Famalicão).
- (4) Agente Ferdol (Lisboa).
- (12) Alberto de Penamacor (Coimbra).
- (2) All-Round Detective (Maфра).
- (9) António C. Bernardo (Loures).

- (6) Dois Cachimbos Fumegando (Lisboa).
- (10) Ele e eu (Lisboa).
- (4) Elvira de Castro (Ermezinde).
- (4) Esol Rapsag (Covilhã).
- (6) Fanasha (Coimbra).
- (16) Fernando Edgar Trigo (Ermezinde).
- (6) Fernando Rosa (Leiria).
- (14) Ivone Costa (Lisboa).
- (18) João Alberto Gouveia (Lisboa).
- (8) J. Simões (Caldas da Rainha).
- (2) Lynxman (Lisboa).
- (11) M. (Algés).
- (7) Manuel do Carmo Peres (Lisboa).
- (13) Manuel Pereira Soares (Macedo de Cavaleiros).
- (12) Mário Cleto da Silva (Pórtio).
- (7) Máscara de Cobre (Moita).
- (7) O Homem do Cachimbo (Lisboa).
- (11) «Philo-Vance» (Lisboa).
- (14) Teimoso n.º 1 (Loulé).
- (4) Uma garota endiabrada (Lisboa).
- (1) Um grande Detective (Penafiel).
- (1) Xico (Lisboa).
- (5) Zarathrusta (Lisboa).

SALÃO DE VIENA, L.^{DA}



Foi recentemente inaugurado em Lisboa, na Rua Eugénio dos Santos, 27, 1.º, o «Salão de Viena, Limitada», que com as suas completas e moderníssimas colecções de peles, metas, malhas, «singerles», malas e carteiras, fica sendo, sem dúvida, um dos estabelecimentos do género mais elegantes da capital. Ali encontra a clientela mais exigente, sempre em exposição e venda, utilidades de bom gosto aos melhores preços. Merece especialmente ser admirado o seu sortido de malas e carteiras de autêntico modelo vienense.

A gerência está a cargo de um dos nossos mais experimentados técnicos, o sr. Sousa Branco.

Por tudo isto, o «Salão de Viena, Limitada» constitui um magnífico empreendimento e uma nota de modernismo e de elegância que muito vem honrar o comércio da capital e, conseqüentemente, o nome de Lisboa.

GLENN MILLER



E A SUA FAMOSA
ORQUESTRA DE
JAZZ, APRESENTA
AS ÚLTIMAS
CRIAÇÕES EM

★ DISCOS ★

NA FAMOSA MARCA



“HIS MASTER'S VOICE”

OS MAIORES ÊXITOS DE

ARTIE SHAW—TOMMY DORSEY
—DUKE ELINGTON—JOE LOSS, ETC.

EM NOVA REMESSA ACABADA DE CHEGAR

EST. VALENTIM DE CARVALHO
RUA NOVA DO ALMADA, 97

A última partida

(Continuação da pág. 24)

lher que teria de deixar no dia seguinte. E pareceu-lhe, então, que o seu corpo se transformava em chumbo, que jamais se levantaria daquela mesa verde, cuja cor se lhe tornava imprecisa, cambiante, bizarra, como as idéias que lhe torturavam o espírito. Poisando os cotovelos à sua frente, meteu a cabeça entre as mãos, enquanto o coração se lhe cerrava um pouco mais, muito mais, terrivelmente mais...

Na bacia da roleta, a bola branca rodava alegremente, mais devagar, saltava sobre alguns algarismos, e deteve-se sobre o número 28. O «croupier» passou trinta e cinco mil francos ao jogador, mas deu-se qualquer coisa de extraordinário: Georges não teve um gesto!

Em volta do pano verde, passou um murmúrio de desaprovação. E, de novo, a bola branca saltou. Saltava muito depressa, parecia que nunca mais pararia. Mas, como se um mecanismo subtil a impulsionasse, pareceu hesitar, parou um segundo e saltou de repente, de novo, para o número 28, onde ficou.

Depressa a se haviam desinteressado deste jogador estravagante que deixava trinta e seis mil francos num só número mas um acontecimento se passava de novo agora: o «croupier» contava um milhão duzentos e sessenta mil francos, que colocava, em várias pilhas, diante do jogador que, uma vez mais, não fizera um único gesto.

Mas uma senhora se levantou nervosamente e empurrou a cadeira de Georges. Então, a senhora que não era muito jovem, deixou escapar um longo grito e Georges Bruce deslizou por terra.

Estava morto. Tinha ganho para nada.

IGREJAS CAEIRO

(Continuação da pág. 5)

— A Rádio portuguesa... A E. N. está...

— Há um que não trabalha em Portugal, e que, para mim, reúne quasi todas as qualidades indispensáveis à boa locução. É claro que tenho presente que o locutor 100 % perfeito é impossível. Neste a que me refiro, entretanto, vejo um conjunto de qualidades grandes: voz simpática, agrado de locução, articulação boa sem afectação, dom de humorismo oportuno, visão rápida, etc., etc.

— E dos que estão em actividade nas nossas estações, destaca algum? — É difícil responder. Mas, referindo-me só aos profissionais, acho que cada um tem a sua especialidade... No entanto, sem falar em minha opinião e fugindo um pouco à pergunta, aquele que me parece ter mais popularidade no grande público é o Jorge Alves.

— Que trabalho desempenhaste com mais agrado? — Talvez a apresentação da «Hora de Variedades» nas Caidas da Rainha, tendo em vista a reacção do público. Mais para mim e sem que o público quasi desse por elle, gostei dum arranjo que fiz sobre o Sexteto de Artistas Cegos que colabora na E. N.

— Sobre artistas de Rádio. Há ou não há artistas de Rádio em Portugal? — Há, indiscutivelmente... Mas só pelas possibilidades artísticas que revelam. Em realidade, é claro, que não há...

— Distingues alguns? — Sim, aquelles que têm maior sinceridade, originalidade e expressão...

— Aqui para nós, Igrejas Cairo: porque é que tu tens fugido, durante toda esta conversa, à citação de nomes? — Por quê?... Porque... vivemos numa pacata aldeia provinciana, muito pacata e muito provinciana...

— Para terminar, só mais uma pergunta: qual a maior emoção que te deu a Rádio desta aldeia pacata e provinciana em que trabalhas? — A maior emoção... Ter sido primeiro locutor português a anunciar a abertura da Segunda Frente. E, como estas coisas acontecem por acaso, fui ainda eu quem anunciei, em primeira noticia, a tomada de Paris...

F. C. R.

A espera da sentença

(Continuação da pág. 12)

seguir, o tratado de paz e o estatuto das relações entre os povos. Que espécte de paz se prepara? Escrevia o tucido Edmond Rossier, recentemente falecido, que os tratados, pelo menos os que sucedem a uma guerra em que houve vencedores e vencidos, só têm existência passageira e que, por muito solene que seja o cerimonial em que nasçam, elles são apenas a consagração de um estado de forças, caducando quando o equilibrio se desfaz. Os termos em que parece propôr-se a próxima estrutura internacional fazem, realmente, pensar nesta verdade, pois se parte do principio que será mantida não piaz a coligação que se propõe ganhar a guerra. Até onde permitirá o grau de ensinamento actual das penincias fixar num documento articulado a solução metódica e pormenorizada dos grandes problemas? O Tratado de Versalhes levava a sua minúcia a estipular quantos regimentos de cada especialidade teria a Alemanha, a duração de serviço e forma do recrutamento militar. A avaliar pelo que parece ser o pensamento hoje dominante nas altas esferas diplomáticas, terá de se admitir uma simples enunciação de principios gerais, deixando ao talento dos dirigentes das grandes potências o encargo de ditar a solução dos casos supervenientes? O fim da guerra parece, efectivamente, aproximar-se antes que seja possível estabelecer as bases de uma ordem diplomática que ofereça condições de estabilidade e até de garantias para todos. Porque, antes de mais, sempre cada um começará por perguntar qual é a lei em que vive.

J. R. S.

Conhecem esta estátua?

(Continuação da pág. 2)

no globo terrestre, que tem junto a si e que abraça sob o manto real. No pedestal há a seguinte inscrição:

D. Maria I
Rainha de Portugal, Brasil e Algarve.
Fundadora desta Bibliotheca
por
Alvará de 29 de Fevereiro de 1786.

O Marquês de Ponte de Lima, ministro e admirador do grande estatuário Machado de Castro, quis, assim, prestar homenagem à soberana que tão dedicadamente soube amparar as artes. E o seu gesto de oferecer a estátua, que do seu bôso elle mandara esculpir, demonstra mais uma vez a gratidão que nutria por D. Maria I.

A estátua andou, porém, muito tempo por salas estreitas e quasi fora da vista do público. Como quasi sempre acontece nestas coisas, uma obra de arte é erguida só para a artista que, por um decreto, o reponha no seu lugar. Hoje, a estátua de D. Maria I está a ser montada na cerca do Palácio de Queluz, o cenário que lhe convém.

FUMADORES

Podets fumar hoje mais que nunca e ficar com os dentes como lâminas, porque «Embryodine-Dental» põe-nos brancos e brilhantes em alguns minutos apenas.

EMBRYODINE-DENTAL

vende-se nas boas casas. Um tubo, 10\$00. Agente geral para Portugal e Espanha: J. Santos, Rua Santo Ildefonso, 29 — Para os Representantes em Lisboa: Agência Commercial F. V. F., L.ª, Rua dos Fanqueiros, 135, 3.ª-Dir.ª. Telefone 43582.

CINTAS PELES ★ BEM ★

AV. ALMIRANTE REIS, 66 - B-C

OS NOSSOS CONSELHOS PRÁTICOS MODELOS



Impedível saia e casaco de fazenda cor de grão. A blusa é de «stafés» da cor do chapéu, formando um grande laço como se vê na gravura. O modelo é de Charles Armour, de Nova-York.



«Toilette» inspirada num costume chinês e desenhada em Nova-York, a qual alcançou um grande sucesso numa das últimas passagens de modelos.



Vestido de «jersey» de cor não muito clara para destacar a gola branca.

CONSELHOS PRÁTICOS

QUANDO os gavetões dum armário ou cômoda não estiverem em estado de abrir e fechar com facilidade, devem untar-se os contornos com sabão e pulverizá-los com pó de talco.

O melhor lubrificante para as fechaduras é a glicerina, porque não congela com o frio nem fica seca com o calor.

Para que a goma arábica se não altere com o calor, é conveniente juntar-lhe um pouco de ácido salicílico.

Para aproveitar bocados de fazenda de lã fina, podem-se fazer «soquetes» engraçados com uma costura ao centro do peito e da planta do pé. A virola pode ser tricotada, aproveitando também pequenas sobras de lã.

Não devemos desperdiçar os ossos, sobretudo os tirados de carnes assadas ou aves. Aproveitemo-los juntando-os à sopa de legumes e ela ficará mais gostosa e nutritiva.

Para tirar nódoas de tinta de escrever, devemos primeiramente esfregá-las com limão bastante sumarento, antes de a lavar com água e sabão.

•••

Não despreze a sua blusa de «tricot» do ano passado. Se está róta nos cotovelos, corte as mangas por essa altura. Se tem já a cor desbotada, sendo lisa, enfeite-a com bordados a lã de cor que ligue bem ou aplique-lhe bolinhas de madeira de várias cores.

A RECEITA DA SEMANA

BOLO DE NEVE

250 gramas de manteiga; 2 chávenas de açúcar; 3 chávenas de farinha de trigo; 1 chávena de leite; 3 colheres das de chá de fermento «Royal»; doce de ameixas; 4 ovos; creme de leite.

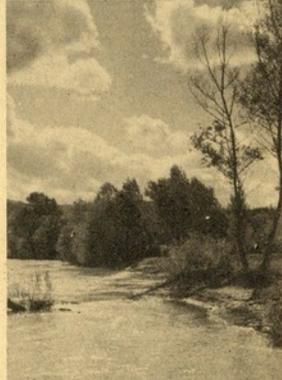
Batem-se muito bem a manteiga e o açúcar e depois juntam-se os ovos batidos, o fermento «Royal» diluído no leite e a farinha. Mistura-se tudo muito bem, põe-se num tabuleiro untado com manteiga e coze-se em forno regularmente quente.

Depois de cozido, corta-se em três pedaços iguais que se entremelam com doce de ameixas bem grosso e creme de leite próprio para recheios. Cobre-se com «glacé» branco e guarnece-se com morangos.

CINTAS PELES *BEM*

AV. ALMIRANTE REIS, 66 - B-C

Outono 1944



CHEGOU o Outono! O vento atira para longe as folhas amareladas das árvores do caminho. Folhas que foram verdes, que tiveram vigor, que tiveram vida. Folhas que foram nossas companheiras durante os calmos passeios, nas longas tardes de estio! Tornaram-se cúmplices das nossas divagações, conheceram os nossos desejos, espíriam-nos em todos os nossos gestos, todos os sorrisos, todas as lágrimas, todas as nossas promessas. Viveram connosco horas da nossa vida e quantas vezes, generosamente, nos abrigaram do sol impiedoso. Agora, a hora sou para elas! Está chegado o seu fim! O vento não as poupa, arrancando-as, à força, aos braços da mãe árvore. Depois, já-las dançar vertiginosamente, doidamente, numa macabra dança da morte. E quando já exaustas, desfalecidas, se deixam cair, a chuva cola-as à terra, empapando-as, sepultando-as, já quasi desfeitas!...

Pobres folhas batidas pelo vento, encharcadas pela chuva e espelhadas por nós à beira dos caminhos!... Pobres vidas arrancadas pela violência do temporal! Dentro em pouco chegará o inverno e as árvores nãs erguerão os seus magros braços numa angustiosa prece, temerosas do futuro!...

Tal como as folhas que o tempo não poupa, são essas tristes almas, a debaterem-se na agonia do desespero que hoje enluta o mundo.

Também os sonhos se agitam num vultear nervoso, batidos pelo vendaval da vida! Também há corpos tombados pelas estradas sem fim! Também há braços que os agarram tentando roubá-los à desoladora voragem que os farão cair exaustos, desfalecidos, lábios contra a terra suja, empapada pela chuva e pelo sangue. E serão esses mesmos braços que se erguerão ainda na mesma angustiosa prece, temerosos pelo futuro!...

Mas o inverno virá em seguida. E as chuvas torrenciais levarão na enxurrada muito do que encontrarem no caminho. Porém, a água irá lavando a pedra suja da calçada, irá descendo ao seio da terra e fará brotar de novo o ramo verde. E o sol romperá, enfim, a névum rebelde. Os campos encher-se-ão de ervas e os prados de flores e as folhas tornarão a vingar! As andorinhas voltarão confiantes a refazerem os ninhos desfeitos. A primavera virá ridente, emprestando calor, luz e vida. E a paz, a paz bendita, descerá de novo sobre a terra!...

MARIALIA



ao frio, console as mãos atormentadas, mas faça-o sorrindo, como se fosse a coisa mais natural do mundo! Então, terá adquirido a certeza de que não é uma inútil, e que tem — como todos — um programa a cumprir na vida.

TRISTE SOLITARIA — Li a sua extensa carta e pesei bem a solidão que diz rodeá-la. Compreendo que se sinte só e triste. Mas que se sinte inútil é que não estou de acórdio. Pode acaso ser inútil uma rapariga de vinte e cinco anos, saudável, com os meios suficientes para não ter que trabalhar? Está aborrecida das amigas e do cinema? Os olhos fecham-se-lhe cansados de tanto ler? Pede-me uma solução?

El-la: O Natal vem-se aproximando. O frio não tarda inclemente. Os pobres, os nós, os desprotegidos da sorte, são, infelizmente, aos montes... Casas onde há seis e sete crianças com o simples vestidinho já no fio!... Recém-nascidos que mal entram na vida, já choram de fome e de frio, porque a vida lhes não dá agasalho e pão!...

Já a leitora reparou, acaso, para toda essa miséria que a rodeia, que nos rodeia a todos?

Experimente este programa e talvez se não sinta tão só e tão triste; de vez em quando faça uma visitinha pela Baixa e traga lãs, agulhas ou retalhitos de fazenda. Outras vezes, comodamente sentada, quando o livro que estiver lendo tombar para o lado, comece um casquinho de lã, um vestidinho, um pequenino enxoval para bebé, qualquer coisa que sala quasi do nada e nas suas mãos vá tomando forma, fazendo monte!...

Depois, depois... creio, querida leitora, que não será preciso acrescentar mais nada. Numa coisa, porém, devo aconselhá-la: para bem sentir a felicidade de dar — e é tão grande essa felicidade! — é preciso saber dar. Não o faça como uma esmola. Vista os pequeninos, arranque-os



A beleza da linha consegue-se usando os produtos NOSEL

Água de Colónia
Seda líquida
Pó de arroz
Creme dental
Báton

O QUE DISSE A IMPRENSA SOBRE A PASSAGEM DE MODELOS DA CASA DE PELES

DAVID KIT
NÃO ESTORIL

Diário de Notícias A festa do Casino Estoril

Foi interessante o festival realizado ontem no Casino que se via repleto duma enorme e elegante assistência, sendo todos os números do programa muito aplaudidos.

No meio do espectáculo, houve um número dedicado às senhoras e da sua verdadeira predilecção e que causou verdadeira sensação no meio elegante feminino.

A casa de Peles de David Kit fez uma distinta passagem em Castor, Vison e Astrakan, que despertou ao máximo o entusiasmo de toda a assistência mundana que não se cansava de aplaudir e obrigou os modelos à sua repetição, com passagens lentas, para serem devidamente apreciados.

David Kit foi vivamente felicitado por tão rica, como vistosa e linda apresentação.



Diário de Lisboa Passagem de modelos da Casa David Kit

No espectáculo de arte que se realizou na sexta-feira no Casino do Estoril com a apresentação da Revista de Atracções Municipais, fez a Casa de Peles de David Kit uma notável passagem de modelos.

A selecta assistência que esta noite ocupou o Salão de Festas do Casino teve ocasião de admirar as últimas criações da moda em peles de Castor, Vison e Astrakan. Foi grande o entusiasmo que esta exhibição despertou, e o pedido de repetição das apresentadas e sumptuosidade das peles ainda, o ambiente de grande elegância que rodeou este grande acontecimento mundano asseguraram a David Kit um dos maiores triunfos da sua vida comercial.

DIÁRIO POPULAR A apresentação de modelos da casa de novidades David Kit

Num dos intervalos da «Revista de atracções mundiais, realizada ontem no Estoril, a casa David Kit apresentou uma finíssima colecção de modelos de peles. Perante a selecta assistência desfilaram as últimas criações em Astrakan, Vison e Castor, executadas naquela importante casa.

A passagem de modelos David Kit deu a melhor das impressões.



Romance da "máquina falante"

Foi com muita lentidão que o espírito humano percebeu ser possível aprisionar a melodia e, depois de a aprisionar, libertá-la com a sua frescura original. Era necessário, antes de tudo, conhecer as características das ondas sonoras.

Desde tempos inemoriais tinha despertado a curiosidade humana o facto de certos objectos entrarem em vibração quando se produziam sons fortes nas proximidades. Os primeiros observadores devem ter notado um fenómeno impressionante: mantendo na mão uma delgada membrana de papel, por exemplo, ela entra em vibração perceptível ao fazer-se um som forte. Mas só no século passado um experimentador teve a ideia de ligar um leve estilete indicador ao centro de um diafragma de papel, verificando, d'este modo, a existência do movimento vibratório determinado pela onda sonora e ampliado pela ponta do indicador.

Mais tarde, algum físico engenhoso lembrou-se de fazer rodar diante do estilete indicador uma lâmina de vidro recoberta com uma tênue camada de fuligem. Assim se descobriu que as ondas sonoras traçam uma linha sinuosa, cuja forma é característica para cada som.

O problema de registar os sons de forma durável e reproduzível esteve durante muito tempo insolúvel. As ondas sonoras não possuem a energia necessária para fazer funcionar um alto-falante; o mais forte dos oradores não conseguiria, apenas com o auxílio dos seus pulmões, emitir mais de um Watt de energia. Os sons precisam de ser transformados em energia eléctrica, e esta deve ser transformada, por sua vez, em energia mecânica indispensável na gravação. E só um acidente genial conseguiria demonstrar, antes da existência das válvulas termiônicas, que as ondas sonoras poderiam ser recolhidas, armazenadas e reproduzidas.

Um dia, Tomás Edison construiu um brinquedo em que utilizava um funil concentrador das ondas sonoras, provocando a vibração de um pedaço de papel mantido contra o mesmo. Um leve boneco de papelão ficava disposto de tal modo que, ao dizer-se a serra depressal ou qualquer outra coisa junto à boca do funil, as vibrações do ar moviam a pequena serra que acabava por serrar um palito.

Nessa mesma ocasião, Edison ocupava-se em registar sinais telegráficos sobre um disco giratório. Os sinais provocavam um zumbido cuja força dependia da velocidade de rotação do disco. Edison relacionou o brinquedo da serra com estas experiências e teve uma ideia: já que se conseguia capturar a linha ondulada produzida pelo som, porque não obrigá-la a mover uma membrana leve ou um diafragma que puxasse e empurrasse o ar, fazendo-o vibrar em sincronismo com a linha sinuosa? Ao fim de dois anos de trabalho, Edison concretizou a sua ideia — e nasceu a "máquina falante".

Edison julgou que a sua invenção seria melhor utilizada como máquina registadora de ditados; outros pensaram que os registos fonográficos substituiriam os livros e as cartas. A máquina registadora de ditados encontrou o seu lugar no comércio e na indústria; porém, a "habilidade" do disco como reproduzidor de melodias adquiriu toda a fama.

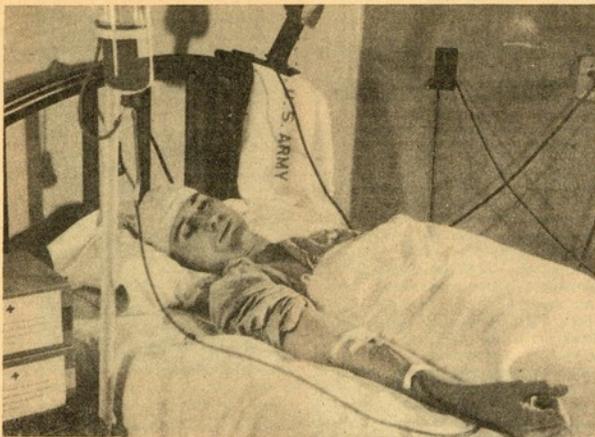
Os sons deformados dos fonógrafos de campânula de metal eram de tal qualidade que o interesse pela música de concertos era despertado só pela admiração provocada pelo "reconhecimento" das palavras e dos sons provenientes de uma máquina.

Em 1920, os ouvintes ainda se limitavam a procurar "semelhanças". Em 1925, os aperfeiçoamentos na reprodução dos sons foram grandes e já se criticavam os afastamentos apresentados pela reprodução em comparação com a realidade.

A perfeição das "máquinas falantes" foi possível graças ao concurso de mais de uma centena de sábios de todo o mundo. Só o aparecimento dos amplificadores, das válvulas electrónicas veio impedir que as ondas sonoras gastassem a sua limitada energia no trabalho de abrir o sulco na cera, originando uma imperfeita captura da melodia.

Alimentação para todos

A necessidade de armazenar alimentos e de fornecê-los a todos, e sobretudo aos que combatem na "front", deu um notável impulso aos estudos sobre os processos de conservação de alimentos. A foto mostra uma investigadora do Instituto da Técnica de Congelamento, na Alemanha, entregue à tarefa de pesquisar se há ou não micróbios na carne congelada. Nenhum pormenor pode ser esquecido; é preciso alimentar todos e de modo a proteger os organismos das doenças. Por isso, estuda-se afanosamente a técnica das conservas, querendo que elas tenham um valor próximo ou igual ao do alimento fresco. No caso da carne, as gorduras não devem tornar-se rançosas; no caso das frutas, a vitamina C não deve desaparecer. Empregam-se temperaturas de mais de 20 graus abaixo de zero.



PLASMA SALVADOR

Um marinheiro americano recebe o plasma que o há-de salvar. Chama-se plasma à parte líquida do sangue, ou seja ao sangue privado das suas células (glóbulos vermelhos e brancos). Aparece como um líquido incolor ou ligeiramente amarelado e espontaneamente coagulável, por isso é necessário evitar a coagulação por meios apropriados. Por vezes o plasma aparece turvado, devido a alimentos gordurosos comidos pelo dador horas antes; o plasma assim não pode ser utilizado. Dar sangue é indolor; depois do exame médico, o braço é desinfectado e anestesiado. Deixa-se escorrer o sangue durante uns 8 minutos. O sangue é submetido a várias operações até obter-se o plasma, que é reduzido a pó por destilação. Para ser utilizado basta acrescentar uma porção conveniente de água destilada. Crê-se que a mortalidade na actual guerra (15 % em 1914-18, 3 % nesta guerra) decresceu, sobretudo, devido ao plasma.

Água no organismo humano

Dr. Jacques Bordillon, do Hospital do Instituto Rockefeller, declarou recentemente, numa reunião da secção de Nova-York da Sociedade Americana de Química, que a água entra por dois terços na constituição do corpo humano.

O terço restante consiste em matéria orgânica e sais minerais. «Eaque-maticamente, afirmou êle, cada tecido compõe-se de células, de espaços entre as células e do sangue contido nos vasos. As células são constituídas na razão de 30 % de proteína e fósforo orgânico. Esses elementos representam mais ou menos 75 % do volume do tecido e formam a sua parte mais importantes».

Os espaços entre as células que representam mais ou menos 15 % do tecido, contêm uma pequena quantidade de proteína e sais, sobretudo cloreto de sódio e bicarbonato. O sangue que circula nos vasos — 10 % do tecido — compõe-se metade de soro e metade de células sanguíneas. Sete por cento do soro é formado por proteínas e dos mesmos sais que se encontram nos espaços livres entre as células.

As paredes dos vasos sanguíneos são permeáveis à água e aos electrólitos, mas não às proteínas; as paredes dos tecidos são permeáveis à água, mas impermeáveis às proteínas e à maior parte dos electrólitos. Nos três compartimentos — células, espaços intercelulares e vasos san-

A BIOGRAFIA DO CROMO

Cromo foi descoberto em 1776, na Sibéria, ligado ao chumbo. Apresentava um aspecto admirável e tinha todas as cores do arco-íris. Só ao cabo de 30 anos chegou às mãos do químico francês Vauquelin, que o estudou e lhe deu o nome de cromo, que significa cor.

Mais tarde pôde comprovar-se que a beleza das esmeraldas, berlins e serpentinias era devido à presença do cromo.

O cromo goza de uma importância extraordinária entre os fabricantes de aço. Aumenta a dureza do aço, torna-o insensível às influências magnéticas, dá-lhe grande capacidade de resistência às altas temperaturas e protege-o das acções químicas.

É anti-magnetismo do aço cromado é aproveitado pelos relojeiros para o fabrico de cordas e de molas.

O cromo é, também, musical. O cobre, adicionado ao cromo, torna-se mais sonoro; por isso é aproveitado pelos fabricantes de cornetas.

Há pouco cromo na Europa. Apenas na Rússia se extraem grandes quantidades. Mas a União Sul-Africana e a Rodésia extraem as três quartas partes de cromo consumidas pela Europa e América. O monopólio do cromo está nas mãos da Inglaterra.

glinos — a concentração asmática efectiva é a mesma, de sorte o sistema inteiro permanece em equilíbrio.

Os continentes movem-se!

A hipótese da mobilidade dos continentes não é nova, pois data de vários séculos; mas é somente depois da aplicação da telegrafia sem fios à astronomia que êsse método, hoje chamado de Wegener, pôde ser confirmado.

Hoje faz-se o registo automático dos sinais horários permutados por diversos laboratórios e determina-se quasi instantaneamente com a aproximação de alguns centímetros, as longitudes ou posições desses observatórios.

Segundo Wegener os continentes europeu e americano afastam-se progressivamente e como que seguindo o movimento de rotura produzido nos tempos pre-históricos. O afastamento é avaliado em um metro por ano. Mas segundo os trabalhos recentemente publicados do observatório de Paris, Stoyko, êsse movimento de continentes não seria uniforme e sim oscilatório, com uma amplitude de 11 metros em relação à posição média. E a discussão dos resultados obtidos nestes últimos 17 anos revelou o facto estranho que

êsses deslocamentos se fazem num período de 11 anos, aproximando-se singularmente do ciclo das manchas solares.

Washington e Paris afastaram-se durante os anos de 1920-1925 e aproximaram-se, depois, de 1925 a 1928, afastando-se novamente de 1928 a 1933, e aproximando-se ainda de 1933 a 1936. Houve um balanceamento dum metro por ano, nos dois sentidos.

Por outro lado, Stetson, do Observatório Perkins, comunica que observações feitas entre Washington e Londres revelaram variações anuais da longitude desses dois observatórios com um máximo em Janeiro, quando a Terra está mais perto do Sol, e um mínimo em Julho, quando ella está mais afastada. Parece que estas variações estariam ligadas às posições aparentes da Lua no céu.

Em suma, Wegener ligava os deslocamentos das terras só a fenómenos geológicos; outros supõem que há a acrescentar a acção predominante do Sol e da Lua.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

por Carlos Ferrão

Capítulo XXVI — Países ocupados — Noruega

DURANTE um ano, os professores noruegueses viram-se na sua pátria sujeitos a um regime especial, diferente daquele que era aplicado às restantes classes da população. Foi entre eles que se recrutou o maior número de indivíduos de nacionalidade norueguesa presos e deportados durante os anos desse período. Essa situação em nada modificou, porém, a sua firme determinação. De maneira que, passado um ano sobre a adopção das medidas particularmente violentas que haviam sido tomadas contra eles em 1942, muitos foram autorizados a regressar às suas terras, continuando, porém, impedidos de exercer quaisquer funções docentes.

Quasi simultaneamente, os sete bispos da Noruega enviaram, em 14 de Fevereiro de 1942, um protesto ao Departamento dos Cultos contra as medidas decretadas para a mocidade do seu país, às quais já fizemos menção. Nesse protesto, as referidas medidas eram consideradas como uma tentativa de «nazificação forçada».

Nêle se podiam ler as seguintes passagens: «Aqueles que pretendem arrancar as crianças aos carinhos da família, violando os mais sagrados laços da existência, mergulham os pais num gravíssimo problema de consciência. Cada pai e cada mãe que consentir, sabe que um dia terá de responder perante Deus pela forma por que educou os seus filhos. Neste assunto, os pais são obrigados a obedecer mais a Deus do que aos homens».

Em consequência desta attitude, assumida pelo clero norueguês, o bispo de Oslo, Dr. Elnvind Berggar, foi demittido das suas funções, sem qualquer compensação pela sua hierarquia e pelos serviços prestados durante tantos anos de exercício do seu ministério, e mais tarde preso.

Os outros seis bispos solidarizaram-se com o bispo de Oslo e enviaram uma carta ao Departamento dos Cultos em que anunciavam que deixavam de se considerar ligados ao Estado norueguês por quaisquer obrigações, reservando-se, porém, o direito de continuarem a exercer a sua missão espiritual. Era na qualidade de servidores de Deus, diziam na carta em que se demittiam, que tinham decidido proceder assim, com a certeza de que o seu procedimento estava de acordo com a doutrina e com os ensinamentos da igreja.

A ATITUDE DO CLERO E DAS FAMILIAS

Poucas semanas depois, todos os sacerdotes da Noruega se solidarizavam com a hierarquia numa afirmação solene de protesto contra a attitude das autoridades de ocupação. Demittiram-se de funcionários do Estado e continuaram a assistir espiritualmente os fiéis. Muitos deles

foram presos e alguns, mesmo, deportados. A igreja do Estado, que é igreja tradicional na Noruega, pode dizer-se que desapareceu.

Por falta de professores a convocação obrigatória das crianças das escolas para a organização «Umgdomsfylking», só pôde ser levada a cabo num número muito restrito de localidades. Mas, mesmo naquelas onde essa convocação se fez, as famílias não consentiram que as crianças correspondessem a ela. Os pais, mais enérgicos na manifestação da sua discordância, foram, de uma forma geral, castigados com penas cuja severidade era variável e dependia de circunstâncias que freqüentemente se relacionavam com o seu passado e tendências.

Dos noventa professores da Universidade de Oslo, dois decidiram, ao fim de algum tempo, manifestar a sua adesão ao partido Quisling. Nove dos catedráticos demittidos foram obrigados a abandonar a capital depois de sujeitos a penalidades pesadas.

As autoridades de ocupação manifestaram, em determinado momento, a intenção de constituir, para as diversas classes de intelectuais do país, associações idênticas àquela que haviam projectado para os professores. Mas o exemplo do que acontecera com esta última não era muito encorajador. Nuns casos essa iniciativa não chegou a concretizar-se, e noutros os seus autores viram-se obrigados a desistir pouco depois de terem feito experiências idênticas, com resultados que não diferiam sensivelmente daqueles que haviam sido conseguidos em relação aos professores e que deixamos indicados sumariamente.

A SITUAÇÃO ECONÓMICA DO PAÍS

A ocupação militar, sobretudo quando se prolonga para além de certos limites, produz efeitos deploráveis sobre a economia das nações ocupadas. É esta uma lição da história e da experiência que aquilo que se tem passado com o actual conflito serviu apenas para confirmar. O prolongamento da guerra, sempre impossível de prever e constituindo uma função de tantas e tão variadas circunstâncias, exerce geralmente efeitos prejudiciais em relação ao ocupante e em relação ao país ocupado, levando o primeiro a adoptar medidas económicas que, por vezes, não estavam inicialmente nas suas intenções, e levando o segundo a um estado de desequilíbrio que rapidamente se aproxima de

penúria e até da miséria, mesmo quando se trata de países que, como a Noruega, possuíam, antes de se iniciar a ocupação, uma economia sã e sólida.

Foi tendo em conta estas circunstâncias, consagradas por uma experiência de muitos séculos, que os homens que redigiram a Convenção de Haia tomaram, a esse respeito, precauções especiais que infelizmente nem sempre foram confirmadas pelos factos. Essas precauções dizem, essencialmente, respeito às depredações que a potência ocupante geralmente manifesta tendência para exercer sobre os bens do Estado e dos particulares nos países ocupados.

As autoridades de ocupação não podem, nos termos dessa Convenção, cobrar impostos, que não estejam legalmente autorizados, a não ser quando se trate de sustentar as forças de ocupação desde que a presença destas se torne absolutamente necessária para o prosseguimento das operações militares no território do país ocupado. Também as autoridades de ocupação não podem aplicar quaisquer penas a particulares por delitos que estes hajam praticado, e muito menos fazer pagar às populações ou ao Estado indemnizações por delitos de particulares.

Nem os habitantes nem as instituições oficiais são, por outro lado, obrigados a satisfazer quaisquer requisições feitas pelas autoridades de ocupação desde que essas requisições não estejam perfeitamente justificadas nos termos da Convenção de Haia. O mesmo se aplica em relação a serviços que, porventura, venham a ser requisitados a essas populações. Finalmente, as autoridades de ocupação não podem, sob nenhum pretexto, utilizar os habitantes do país ocupado em quaisquer tarefas que, directa ou indirectamente, estejam relacionadas com o prosseguimento da luta quando esta interessar exclusivamente à potência ocupante.

O EXERCÍCIO DA OCUPAÇÃO NA NORUEGA

Praticamente isto significa que a potência ocupada é obrigada, nos termos da Convenção de Haia, bem como as suas autoridades e a sua população, a satisfazerem as necessidades da ocupação e nada mais. Sabe-se como esta guerra, que acarretou consigo a ocupação da quasi totalidade do território do nosso continente, alterou profundamente estes princípios fundamentais que, durante muito tempo, foram invocados, antes mesmo de haverem sido codificados na lei internacional, mas que em tempo nenhum foram escrupulosamente cumpridos, pois, em última análise, para a potência ocupante e vencedora é a dura lei da guerra que dita os seus movimentos e as suas decisões.

No caso da ocupação da Noruega pelos alemães, as regras gerais estabelecidas pela Convenção de Haia não chegaram, sequer, segundo todas as probabilidades, a ser encarradas. Num discurso que proferiu em 1941 o Comissário do Reich, Terboven, revelava as verdadeiras intenções da potência ocupante pelo que dizia respeito ao futuro da economia norueguesa durante a ocupação. «É necessário — dizia Terboven nesse discurso — que a economia norueguesa esqueça as simpatias e tendências anglofilas que sempre revelou, e «vire» para um outro caminho. É no sentido da economia europeia, sob a direcção do Reich que os seus esforços terão de se orientar». Estas palavras não podiam deixar às forças produtoras do país nenhuma ilusão quanto à attitude que lhes cumpria tomar no quadro geral da Ordem Nova estendido a todas as actividades nacionais, e especialmente às que se relacionavam com a produção.



O Príncipe Real, Olavo da Noruega, actualmente em Londres, será um dia o ocupante do trono norueguês.



Esta é a Princesa Real, Marta, esposa de Olavo, e que um dia será rainha da Noruega.



As duas princesas Astrid e Ragnild, filhas dos futuros reis da Noruega.



Os príncipes Olavo e Marta têm já, por sua vez, continuadores da dinastia. Este é o príncipe herdeiro, Harold.



O Governo norueguês nunca descurou os problemas do seu país, mesmo exilado em Londres. Eis o príncipe Olavo, durante a visita a uma escola-internato norueguesa, na Escócia.



(Continua)

Viagens maravilhosas

IV

Entre os arancanos, poetas e lutadores que adoram a morte

A Arancânia fica ali mesmo, no sul do Chile, limitada a um lado pela majestosa presença dos Andes e a outro lado pelas fúrias do Oceano Pacífico.

Entre os Arancanos tudo o que sucede tem duas origens: ou «Pillaus», o gênio do Bem, considerado fundador e protector da família, ou «Hucueves», gênio do Mal, que incarna o espírito dos antepassados e que é, simultaneamente, objecto de preocupações, de adoração e de respeito.

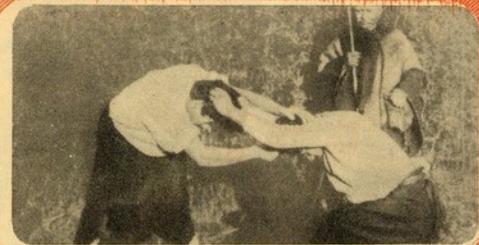
Talvez a inspiração poética venha dos Andes. Mas, é certo, que há qualquer coisa de instintivamente poético na vida e nos costumes dos arancanos. É talvez o gosto pela luta, tivesse também nascido com eles, desde aquêllo célebre poema Arancânia composto pelo poeta espanhol Alonso de Ercilla. E, finalmente, talvez a adoração pela Morte faça parte do seu próprio destino. Para eles a morte é apenas uma paragem na jornada da vida — paragem mais ou menos longa mas jámais eterna...



Aqui os temos, as raparigas arancanas, simples e bonitas, acolhendo o visitante com o seu mais belo sorriso. As mulheres trabalham a valer, desde que o sol nasce até para além do pôr do Sol. Mas, mesmo assim, ainda arranjam tempo e entusiasmo para se entregarem, muitas vezes por semana, às danças características e movimentadas da terra.



Este jovem arancano ensaia-se precisamente para uma festa futura. Ele sopra o seu instrumento predilecto, a «Trutruca», longa e original, que há-de acompanhar os rufos do tambor e o tibir dos ferros, quando a festa estiver no auge...



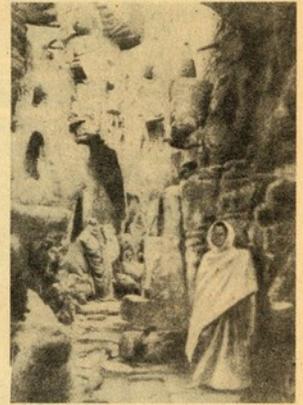
Todavia, antes de cada festa há sempre, como aperitivo, um Concurso de Luta «Lancuntum», a qual consiste no seguinte: os adversários aparram-se pelos cabelos e aquêllo que conseguir deitar o outro a terra, será o vencedor. Outras vezes jogam também ao «Cinecas», uma espécie de «horceps»... selvagem.



É todo o arancano que se presta diariamente pelo cemitério, repleto destes pitorescos monumentos, onde «conversa» com os mortos, pedindo-lhes conselhos. E a verdade é que eles se entendem...

ITINERARIO PITORESCO

NALUT, A CIDADE MALDITA



E conta a lenda, as profecias do velho monge que amaldiçoara a cidade, quando a cidade o expulsara — transderam-se de repente na mais cruel das realidades. A maldição caía, de facto, sobre Nalut, a cidade erigida pelo esforço dos homens, na orla da Saará.

Primeiramente, uma epidemia pavorosa entrou pelas casas e pelos corpos, arrastando tudo e todos numa torrente de desespero. Depois, dois tremores de terra, quâsi seguidos, engulindo bocados inteiros da cidade, cavando covas que não mais seriam cobertas. E, por último, a guerra, uma guerra infeliz mas sanguinolenta ao máximo, com o seu trágico cortejo de lágrimas e de destruição.

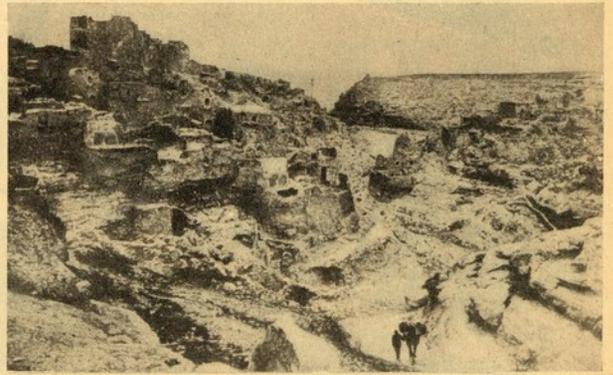
Doença, ruína e morte. Da grande cidade árabe, importante entre as mais importantes, Nalut ficou quâsi desfeita, montão de escombros, cinzas de passado grandioso. E conta a lenda que tudo isso o velho monge profetizara naquele dia sombrio em que o tinham arrastado para o deserto, acusando-o de ser enviado pelo Espírito do Mal e das Trevas. Momentos antes, Amélia, a filha do velho monge, fóra queimada viva na praça maior de Nalut, para que terminasse com ela o sangue diabólico que o monge trazia nas suas veias impuras. A voz dêle, soou lúgubre, voz de carrasco que não perdôa: «A vossa cidade será arrasada pela doença, pela ruína, pela guerra. Nada ficará de pé. E aquêles que aqui viverem serão sempre marcados pela Maldição». Na voz do monge havia apenas ódio!

...E hoje, de um a outro lado do vale estreito e profundo, sobre um solo de rochas áridas, encontram-se somente casas desfeitas, arrasadas, montões de pedras, fendas de abismos monstruosos.

Contudo, apesar do desconforto, apesar da ruína, apesar da maldição — alojam-se ali tribus do Saará que fazem daquela cidade única no mundo a sua cidade. Mas que estranha população! Todos êtes, homens, mulheres e crianças, têm em si qualquer coisa de sobrenatural, de espantosamente estranho. Olhos encovados, faces emagrecidas, mãos descarnadas — são, por assim dizer, os fantasmas do deserto», como um crónista já lhes chamou.

E não há ninguém, além dêtes, que se afoite a entrar em Nalut, a cidade maldita, e a verificar se é verdade que êsses fantásticos seres se alimentam apenas de sangue e de carne humana. Mas a lenda diz que é verdade — porque o velho Monge assim o profetizou...

GENTIL MARQUES



Recordações dum lago romântico

IMAGENS DO MUNDO

A mulher e o caruncho

Contrariamente ao que se possa pensar não são só as mulheres civilizadas e modernas que fumam. Aqui está uma velha do Canal de San José, na Colômbia, que apresenta triunfalmente um enorme e característico cachimbo, seu inseparável companheiro...



DIZ G. Jean Aubry e, possivelmente, terá muita razão, que «os poetas já não amam os lagos; preferem horizontes mais vastos». E contudo desde que Lamartine chorou o desespero de não voltar a encontrar a dulcíssima Elvira junto do Lago Bourget — os lagos ficaram cheios de recordações românticas.

Vem isto a propósito do Lago de Gênebre, melancólico e belo, no seu cenário de maravilha, e onde Voltaire meditou, Rousseau divagou, Gibbou se inspirou e Byron e Shelley, poetas por excelência, souberam amar como ninguém.

É um lago que teria preciosas memórias a contar — se soubesse e pudesse escrever. Mas lá está agora, tranqüilo como sempre, indiferente aos ruídos da guerra não muito longínqua, lembrando o passado e acreditando no futuro.



VINHO DO PORTO

tem o
sêlo de garantia

DO INSTITUTO DO VINHO DO PÔRTO

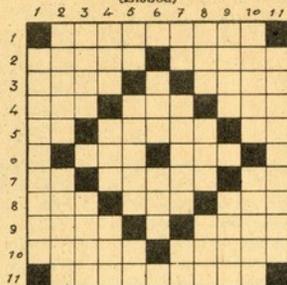


PASSATEMPO

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 51

Por Augusto Teixeira Marques
(Lisboa)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1— Nação do sul deste da América do Sul. 2— Persistem no enfado sem dizer o motivo; estímalis. 3— Soberano de um Estado (pl.); riqueza. 4— Variação do pronome eu; intrjeção designativa de ânimo; irmã do pai ou da mãe (inv.). 5— Artigo; costurava; igreja episcopal. 6— Sinete com letras ou sinais abertos, para marcar papéis. 7— Também (térmo antiquado); associada; clima. 8— De modo nenhum; sadio; sulca. 9— Pedaco estreito e comprido de pano, papel, etc.; desmornar-se. 10— Do feitio do ovo; porção de fios de qualquer matéria filamentososa unidos e torcidos uns nos outros. 11— Misturarão.

VERTICAIS: 1— A coleção de armas e outros aprestos militares. 2— Queirais bem; aversão. 3— Que não prestam; suplicam. 4— Carbonato de hidrogénio, extraído do carvão de pedra; cabelos brancos; nome de mulher. 5— Preposição; humor que se separa dos grumos do sangue coagulado (plur.); artigo. 6— Composições musicais. 7— Interjeição; bugio; aquí. 8— Intimo; encosta; grande abundância. 9— Apellido; vento brando (poet.). 10— Espécie de coquelro (plur.); estéril. 11— Meta-terra de baixo da terra.

Nota— Este problema é por mim dedicado a Filipe Alistão Reis Teles Moniz Côte Real, a sua Ex.ª esposa sr.ª D. Maria Ivone Morimont Machado Côte Real e a seu filhinho Filipe Alistão Teles Moniz Côte Real (Pepto), como prova da muita amizade que lhes consagro. E apesar de estarem tão longe, na Vila Teixeira da Silva— Bailundo— Angola, daqui lhes envio um forte abraço.

PROBLEMA N.º 50

Solução

HORIZONTAIS: 1— Arame; acova. 2— Tempe; etapas. 3— Aza; amolara. 4— Carolino; ar. 5— Afim; rara. 6— Anis; roga. 7— Ates; sumo. 8— Dó; imitador. 9— Amidina; ela. 10— Remota; azar. 11— Idosa; asara.

VERTICAIS: 1— Ataca; adari. 2— Rezafa; omed. 3— Amarina; imo. 4— Me; omitidos. 5— Al; semita. 6— Emir; sina. 7— Atonar; ta. 8— Calorosa; as. 9— Opa; agudeza. 10— Vara; amolar. 11— Asara; orara.

DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora

(Espanha)

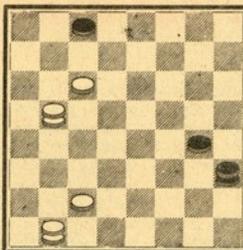
- 1.º Concurso de Problemistas de «Damas»
- 2.º Concurso da Casa Conhaque «Terry»

COMPOSIÇÃO N.º 20

(Final artístico)

«La Provincia», 26-10-944
Las Palmas—Espanha
Lema: «Damófilo IV»

Pretas: 1 «dama» e 2 «pedras».



Brancas: 2 «damas» e 2 «pedras». As brancas jogam e ganham.

NOVAS IDEIAS SOBRE O PROBLEMA DE «DAMAS»

Pelo Dr. Carlos R. Lafora
(Continuação)

Uma vez que as diferenças entre problema, final artístico e final técnico estão bem destrinchadas, vamos analisar a possibilidade de trasladar para o jogo de «damas» a definição de *mate* de tão difícil conceito neste jogo e de facilissimo conceito em xadrez.

Os autores italianos e, sobretudo, a «Itália Damista», dirigida por L. Avigliano, trataram de encontrar este conceito sem, porém, o conseguirem.

Nós cremos ter dado com êxito, dizendo que o *mate* é: «uma posição consecutiva a uma jogada das brancas, em que joguem as pretas como jogarem, as brancas têm forçosamente que as aniquilar, não podendo haver nenhuma jogada livre em que as brancas não tomem peça. Para melhor compreensão daremos uns exemplos:

1.º exemplo— Brancas: «dama» em 16 e «pedra» em 22. Pretas: «pedras» em 24 e 30. Jogam as pretas. É *mate*, pois joguem as pretas como quiserem a cada jogada sua as brancas tomam forçosamente uma a «pedra».

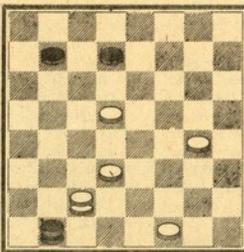
2.º exemplo— Brancas: «dama» em 17. Pretas: «pedras» em 25 e 29. Jogam as pretas. Não é *mate*, pois estas jogam 25-21 e 29-25, jogada livre em que as brancas não tomam.

3.º exemplo— Brancas: «dama» em 1 e «pedras» em 13. Pretas: «pedras» em 17 e 31. Jogam as pretas. Também não é *mate*, pois a «dama» ao tomar a preta tem que ir a 23 para que seja *mate*; porém, como este não é forçoso, não é *mate* nesta jogada.

4.º exemplo: O seguinte problema de Francisco A. Henriques, de Almeirim (Portugal), publicado em 1940:

PROBLEMA

Por Francisco A. Henriques
(Almeirim)



Mate em duas jogadas.

Solução

19-23	7-12 (*)	12-22-31	
28-19 (a)	4-18-9	P.	g.
(a) 19-23	11-15 (**)	15-24-31	
27-20	4-18-9	P.	g.

(*) É *mate*, pois forçosamente as brancas têm que jogar 12-31 e aniquilar as pretas.

(**) É *mate* pela mesma razão.

Loga numa ou noutra jogada se produz o *mate*.

Este problema também é da Escola Moderna porque tem chave elástica (não absoluta) e dá lugar a dois *mates*, um por ataque e outro por *encosto*, com promoção e ambos por bloqueio da «dama» preta.

(Continua no próximo número)

CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS»

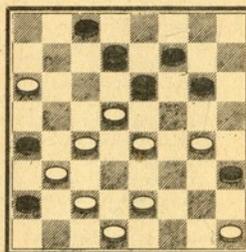
(Classificação dos solucionistas até à composição n.º 9)

Francisco Henriques, F. Almeida e A. S. Fulgêncio (todos de Almeirim), 61 pontos cada. J. Nieto (Madrid), 57 pontos. J. Brú (Valência), 46 pontos. Carlos Pereira (Lisboa), 39 pontos. António Lopes (Ovar), Ateimar (Lisboa) e Manuel Deigado (Tenerife), 38 pontos cada. Electino Alvarez Gonzalez (Lisboa), 17 pontos. Luis Bueno (Sevilha), retirou-se.

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 55 (Concurso)
Por Domingos Carvalho Catzeiro
(Lisboa)

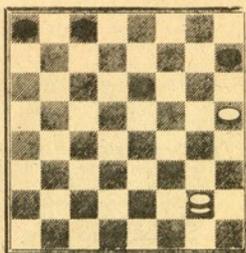
(O autor dedica o presente problema ao distinto «damista» e seu bom amigo José Dias Cerejeira, de Lisboa)



Jogam as brancas e ganham.

FINAL DE JOGO N.º 14 (Concurso)

Por: Lustada
(Lisboa)



Jogam as brancas e ganham.

FINAL N.º 12 (Concurso)

Solução

21-4, 23-32 (movendo-se qualquer pedra esta perder-se-ia e seria fácil ganhar; se a «dama» vai para qualquer sitio que não seja 1, ganha-se com 8-12) (g); 2-11, 32-10 (e, f); 11-7, 9-5 (c, d); 7-8, 10-17 (a, b); se a «pedra» de 8 joga, toma-se a «dama» e ganha-se; 4-21 e 8-1 ganha-se.

- a) Se 10-32; 3-1 e ganha.
- b) Se 10-23; 8-12 e 4-2 ganha.
- c) Se 10-1; 7-12, 16-7; 4-14, 1-12; 8-19 ganha.
- d) Se 10-32; 7-3, 32-1 (se 16-12 e logo se ganha a «dama» ou se segue com 9-5, 16-23 ganha; com outra, distinta de 16-12, ganha-se com 8-12; 3-12 seguido de 4-14 e 8-19 ganha.
- e) Se 32-1; 11-6, 1-32 (forçada); 6-3 e ganha-se como anteriormente.
- f) Se outra qualquer, por exemplo: 32-23; 11-7, 23-1 (se 23-32; 7-3, etc.); 7-12, etc., e ganha.

«VAMOS DECIFRAR»

Este interessante quinzenário começa publicando, no próximo dia 1 de Novembro, uma secção de Jogo de «Damas» cuja orientação está a cargo de Augusto Teixeira Marques.



DE PÓ DE ARROZ

POMPEIA

é indiscutível

Faça ressurgir a sua beleza usando pó de arroz POMPEIA. Ele restaura toda a sua formosa natural, tornando-lhe a cutis macia, avermelhada e juvenil.

LT. PIVER



PÓ D'ARROZ
"MONTEGIL"

UMA QUALIDADE SUPERIOR,
ALIADA ÀS MAIS MODERNAS
E LINDAS CÓRES

À VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 100, LISBOA

A ÚLTIMA PARTIDA

Novela de JEAN MANGEOT

SÓZINHO sôbre o «deck» do barco, um homem foi encostar-se à amurada, pensativo. A atenção dos seus olhos claros, poitada a vista para além, sôbre o mar, fazia-lhe aprofundar rugas minúsculas que tornavam mais expressivo o seu rosto sem dúvida que simpático.

Georges Bruce parecia calmo e teria sido preciso aproximar-se alguém dêle, para perceber que as suas maxilas cerradas traíam uma emoção profunda, enquanto que um sorriso de bondade lhe errava nos lábios.

Pensava na França.

Georges revia-se, sete anos atrás, vendo um outro barco distanciar-se da terra, o coração pesado por uma angústia que, como êle, tinha conhecido milhões de emigrantes, exilados da pátria, para um destino aventureiro, de felicidade ou de desdita.

Tinha desembarcado na China, rico unicamente de esperanças, pleno de um maravilhoso ardor. Depois de múltiplas experiências, em luta permanente contra a incomensurável inércia asiática, conseguira levar a bom termo um caminho de ferro de via larga, numa província de acesso difícil. Tirara um bom proveito material, acabara por se dar por vencido nas mãos do velho Lao-Tsen. O crápula Anamita, sob a forma de uma sociedade financiadora, tinha-o arruinado miseravelmente.

E foi assim que, errante, desencorajado, num passeio de acaso pelo cais de Xangai, dera conta da presença do «Aramis», com escala por Marselha. O pavilhão flutuava na pópa e, porque um instante, teve a sensação de ver nas suas pregas a paisagem da terra natal, Bruce decidiu-se numa fracção de segundo. Arrancou alguns restos de vestuário ao fundo da gaveta, liquidou a conta magra no Banco e conseguiu tomar o barco que partia poucas horas depois.

* * *

Georges não pôde continuar a meditar. Sentiu que uma pequena mão lhe deslizava suavemente pelo braço e reconheceu o perfume de Françoise. A bela Madame Marsan, que era assim que todos a tratavam a bordo, tinha embarcado na Índia. Divorciada, muito rica, elegante, formosíssima, viajava muito e julgava-se a coberto de incidentes de amor. Entretanto, sentia-se agora atirada para êsse jovem francês e dissera-lhe, uma noite, sob um céu fabuloso do oceano Índico, com uma voz levemente trémula e até sua desconhecida:

— O senhor é o homem com quem sonhei quando tinha dezóito anos... Depois, conhecendo outros e procurando sempre, cheguei à conclusão de que jamais viria a conhecê-lo.

E Georges vivia uma magnífica aventura, uma aventura com que muitas vezes sonhara e que julgara nunca poder realizar... Entretanto, êle sabia que tudo acabaria com o fim da viagem — pois não era uma aventura? — mal o barco tocasse em Marselha. Por egoísmo, êle tinha querido esconder de Françoise os seus últimos reveses na China e a sua verdadeira situação, tão cheia de dramatismo.

A campanha chamou para o jantar. O navio fazia escala por Villefranche e os passageiros estavam já à mesa, quando Françoise entrou pelo braço de Georges. Ela levava um magnífico vestido de tule vaporoso, aberto sôbre as espaldas, cuja linha de carne se prolongava pelo

pescoço, até morrer afogada na côr negra dos cabelos, puxados para cima.

Brongen, um rico comerciante do Hanoi, que os tinha convidado para a sua mesa, precipitou-se para ambos, beijando a mão de Françoise e tratando Georges de modo ostensivamente familiar e invejável. O homenzinho, assim tão rotundo e pequeno sôbre as pernas arqueadas, estava apaixonado de Madame Marsan e não o escondia, de modo que Georges, durante todo o jantar, teve de se ocupar da pobre senhora Brongen, que parecia sempre ter vestido por engano o vestido da sua criada de quarto. Georges demonstrava-lhe estima particular, porque êle a sentia infeliz, rolando a vida inteira pelo mundo, a reboque dos negócios do marido.

Servia-se o café, quando Brongen, inclinando-se para a senhora Marsan, exclamou:

— Chegámos a Villefranche e pedi um carro para Monte Carlo. Aceita?

Françoise estava encantada mas hesitava parecê-lo. Georges, de quem esperava o assentimento com o olhar, parecia pouco entusiasmado. Brongen compreendeu e disse a frase que iria fixar o destino de Georges Bruce:

— Tenho a certeza de que o senhor Bruce tem uma sorte diabólica ao jôgo.

Era verdade. Georges lembrava-se de algumas memoráveis partidas de «fan-tan», nas casas de jôgo chinesas. E, de repente, entreviu o meio inesperado de conseguir ficar alguns meses, feliz, ao lado de Françoise. Duas ou três partidas de «bridge» pagas e uma pequena dívida sastifeita no «bar» e ficaria apenas com dez mil francos. Arriscá-los-ia nessa mesma noite sôbre o pano verde e se a sorte lhe fôsse adversa, teria ainda uma noite de felicidade.

No último momento, Mathilde Brongen escusou-se a sair, de modo que Françoise instalou-se no fundo do automóvel, entre Brongen e Georges Bruce. Ela mostrava-se satisfeitiíssima, dizendo a cada instante:

— Que bela idêia! O senhor é um anjo!

E, baixinho, ao ouvido de Georges, acariciava-o:

— Sou feliz, amo-te!...

Brongen conduziu-os às melhores «bôtes» de noite e, pela meia noite, levou-os ao Casino, onde instalou Françoise à roleta.

Georges foi fumar um cigarro para defronte do mar. Ao riscar o fósforo, percebeu que a sua mão tremia. Uma gôta de suor corria-lhe pelas costas e o sangue late-

java-lhe nas veias. Regressou à sala de jôgo e trocou tôda a sua fortuna por dez fichas de mil francos.

Quando chegou ao pé de Françoise, encontrou-a desanimada: tinha perdido. Ele levantou-se.

— Joga, Georges?

Bruce estava perfeitamente calmo, agora que a tinha perto de si mas sentiu que não poderia martirizar-se por muito tempo. Era preciso, principalmente, que ela o não visse jogar e perder. Sem custo, convenceu Brongen a conduzir a senhora Marsan a um «cabaret» e prometeu ir procurá-los logo que estivesse livre. Françoise parecia admirada. E, ao ajudá-la a pôr a capa de peles, Georges viu-lhe nos olhos uma terna inquietação. Mas êle conseguiu reunir tôdas as suas forças e animá-la com um sorriso alegre que ela tanto amava. Por um instante, viu-a afastar-se, depois instalou-se à mesa de jôgo. Arriscou algumas fichas, perdendo nos pares e ganhando nos ímpares. Dezasseis mil francos se empilharam na sua fretna. Decidiu-se a jogar nos números, com a mesma hesitação pesada, com que um mergulhador se lança à água, pela primeira vez. Os outros jogadores não lhe prestavam atenção, com excepção de uma senhora, não muito jovem, sentada na sua frente e que não deixava de o fixar.

Coberta de jóias, perdia com desenvoltura quanto lançava no pano verde. Por duas ou três vezes, Georges sentiu-se constrangido com a insistência daquele olhar. Num instante, o «croupier» tinha levado a Georges dez mil francos. Seu coração bateu mais apressado. Ficou um longo instante a olhar na sua frente, a olhar o espaço, sem ver a senhora não muito jovem que lhe lançava um novo apêlo ardente com o olhar. De repente, êle pôs a sua última ficha sôbre o número 28, enquanto, no seu cérebro, se passava uma sarabanda diabólica: a roleta, Françoise. «O «croupier». Brongen, a mulher... Lao Isen, os olhos de Françoise.

Depois, sentiu invadi-lo o perfume dos lábios da mu-

(Continua na pág. 16)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA
DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO
EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA
REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.ª — LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844
Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27